

VOO da  
imaginação

Voar Teatro de Bonecos  
*15 anos de jornada criativa*

Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do DF



Secretaria de  
Cultura e  
Economia Criativa



Marcos Linhares

VÔO da  
imaginação

Voar Teatro de Bonecos  
*15 anos de jornada criativa*

© by Marcos Linhares – 2019

COORDNAÇÃO EDITORIAL

*Tagore Alegria*

ARTE DA CAPA

*Tagore Alegria*

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA

*Cláudia Gomes*

---

L735v Linhares, Marcos

O voo da imaginação- Voar Teatro de Bonecos: 15 anos de jornada criativa / Marcos Linhares. – Brasília : Trampolim, 2019.

120 p. ; il.

ISBN: 978-85-5325-087-5

1. Literatura, Brasil 2. Ensaio 3. Teatro de Bonecos I. Título

CDU 792.2

---

TRAMPOLIM é uma marca da TAGORE EDITORA.

Todos os direitos reservados de acordo com a lei.  
Composto e impresso no Brasil. *Printed in Brazil.*

T A G O R E E D I T O R A  
SIG Q. 8 LOTE 2345, SALA 100 | CEP: 70.610-480, Brasília, DF.  
[www.tagoreeditora.com.br](http://www.tagoreeditora.com.br)

## **Dedicatória**

Dedico esta obra aos apreciadores da arte do Teatro de Bonecos, em especial, ao menino que, em mim, insiste em viver. Também dedico a dois apaixonados pela arte do teatro de animação: ao saudoso Ravel Mesquita – que tanto inspirou a todos por onde passou e cujo brilho nos olhos e a força de sua arte muito ainda nos marca – e ao Marco Augusto Rezende pela tenacidade e entrega de sua vida à arte, de forma tão ampla que consegue fazer um frutífero diálogo multidisciplinar com meio ambiente, tecnologia, cinema, enfim, com tudo o que for aparecendo e que lhe instigue a experimentar.



## **Agradecimentos**

Gratidão. Essa palavra tão desgastada e falada é o que me move a cada livro, pela possibilidade de fazer o que tanto amo e acredito que possa deixar um legado definitivo durante nossa passagem nesta vida.

Por isso, agradeço a Deus por mais esta obra de cunho biográfico. Falar da vida e das realizações humanas sempre nos faz repensar o alcance de nossos próprios passos.

Agradeço em especial ao Marco Augusto Rezende pela confiança em mim depositada, aos artistas que integram essa bela história e à minha esposa pela colaboração e apoio quando de minhas ausências necessárias para escrever.



# Sumário

Apresentação.....	11
Prólogo .....	13
Um- A gênese do grupo – a viagem de Marco Augusto pelo mundo dos bonecos .....	17
Dois – Quem faz sonhar.....	21
Três- O diálogo com a literatura (das peças).....	43
Quatro – Os espetáculos .....	47
Cinco – As viagens .....	129
Seis – Os projetos .....	133
Sete – A Festa Latina de Bonequeiros e Brincantes de Águas Lindas de Goiás .....	135
Oito– Festineco .....	139
Nove – Espetaculim .....	143
Dez – Festibra .....	145
Onze – Viveiro Cultural .....	149
Doze – Capital Cultural .....	153
Treze – Brincantes do Gama.....	155
Quatorze- O DF, o Gama e os bonecos.....	159
Quinze – Epílogo .....	163



# Apresentação

Como conseguir explicar a magia de um sorriso gerado por uma cena oriunda de um espetáculo de bonecos? O humor e a imprevisibilidade – das falas, dos movimentos e dos enredos para lá de criativos dos artistas bonequeiros – continuam a empolgar a todos (crianças e adultos) mesmo em plena era tecnológica.

Apesar de não serem poucos os que vivem a anunciar a derrocada das manifestações artísticas populares que apresentam vocabulário acessível e um mundo que não dialoga ainda com os smartphones, elas sobrevivem contrariando – graças a Deus – a críticos pessimistas e a fundamentalistas religiosos que, radicalmente, sugerem caminhos outros ao mundo de São Saruê que não o artístico. Resistindo ainda aos filhos que não querem dar continuidade ao trabalho dos pais artistas.

Infelizmente, é fato que o interesse no mundo virtual e o boom da tecnologia afastam as crianças dessa forma de arte. Não raro, muitas delas, principalmente as das áreas urbanas, nem sabem da existência da dança de marionetes.

Mas ela continua de pé.

O mundo dos bonecos dialoga com técnicas artísticas milenares de manipulação de formas animadas, afinal, a arte dos bonecos é uma variação na narrativa ou produções teatrais humanas.

Nesse mundo, é produzida uma cena dramática exposta por objetos representacionais especializados, que são manipulados por um operador/artista/bonequeiro de marionetes/fantoches/objetos do dia-a-dia/sombras/mamulengos/partes do corpo transmutadas em personagens, ou seja, não faltam técnicas, nem desafios a quem quer contar uma boa história por meio de seu boneco multifacetado.

O animador humano pode ou não ficar visível para o público. Isso é o de menos. E não faltam bonecos ainda hoje no cinema, nos programas de televisão e nos anúncios de produtos de toda sorte.

Nesse sentido, chama a atenção que a Cia Voar Teatro de Bonecos, do Gama(DF), fundada em 2003, pelo artista Marco Augusto Rezende, consiga sobressair-se, apresentar espetáculos com técnicas e narrativas diferentes, e ainda, organizar eventos com grande qualidade.

Não é a toa que Marco Augusto (como pessoa física) e a Voar (como pessoa jurídica) estejam entre os premiados, pelo Centro-Oeste, pelo Ministério da Cidadania, do Prêmio Culturas Populares 2019 – edição Teixeira. Foram escolhidas iniciativas que contribuem para fortalecer e dar visibilidade a atividades da cultura popular e tradicional de todo o Brasil. E Marco e equipe fazem isso, sempre.

Esta obra faz uma viagem por esse universo, decolando juntamente com a história de Rezende, e desse grupo que já fez muito, mas que pretende fazer muito mais.

Marcos Linhares

# Prólogo

*Eu nunca quis trabalhar com bonecos. Parei de fazer teatro quando tinha 18 anos. Trabalhei com marionetes dos 11 aos 18 anos, para ganhar dinheiro extra para ir à Europa, da qual ganhei metade e meus pais me deram metade.*

FRANK OZ

**A** jornada faz o bonequeiro ou o bonequeiro faz a jornada? E como surgem os grupos e/ou companhias de teatro de bonecos? E no jovem Distrito Federal?

Segundo a professora da UnB, Dra. Izabela Brochado, primeiro, alguém para querer ser artista tem que ter passado, em geral, por uma experiência estética de público. Se a pessoa teve contato de alguma forma com algo que o tocou emocionalmente, esteticamente, ideologicamente, enfim, ela vai querer algum dia desenvolver aquilo, ela vai atrás.

“Se é um adolescente ele já vai imediatamente atrás, de eventos, festivais, grupos que estão alí se apresentando... Isso fomenta, na minha pesquisa de mestrado, como é que o mamulengo cria essa força em Brasília. Todos os mamulengueiros que eu entrevistei se referem a alguém que eles viram quando eram, ou ou juvenzinhos ainda ou já adultos trabalhando

e o mamulengo os tocou e instigou a querer fazer aquilo, com outras linguagens. Acho que isso é um dado importantíssimo da minha própria vivência. Eu assisti a um espetáculo de bonecos quando eu tinha cinco anos de idade e eu tenho certeza de que, de alguma maneira, eu fui atrás daquela vivência mágica que tive naquela idade, no Rio de Janeiro”, explica Brochado, que é docente universitária Associada do Departamento de Artes Cênicas, do Instituto de Artes da UnB, onde atua na graduação e pós-graduação das áreas de Pedagogia do Teatro, Teatro de Formas Animadas, Culturas Tradicionais e Patrimônio Imaterial.

E com o jovem criador da Cia. Voar Teatro de Bonecos, Marco Augusto Rezende, não foi diferente...

Ele se emociona ao acessar o registro imagético do primeiro voo dele rumo a esse mundo encantado: “Eu sempre gostei de teatro de bonecos, desde criança assistindo o Muppets Show. Então, eu já tinha visto na tv, mas, foi na escola que eu tive minha primeira oportunidade de assistir uma apresentação pelo extinto “Projeto Platéia”, que levava teatro para as escolas públicas no DF. Assisti a um espetáculo que se chamava MAMULENGO.”

Os olhos brilham enquanto a memória vai folheando sua coleção de saudades: “Não me recordo quem fazia essa apresentação, mas não esqueço que me encantou muito. Cheguei em casa, peguei algum material, fiz alguns bonecos muito parecidos com aqueles e chamei alguns amigos para criarmos juntos. Foi uma experiência e realizamos uma primeira

apresentação”, rememora sorrindo e olhando para um canto vazio da sala.

E as memórias não param de jorrar: “Depois, eu estava querendo muito fazer boneco, mas não sabia fazer muito bem. Bem antes dessa apresentação, eu gostava de teatro de bonecos e até tirava a cabeça das bonecas das minhas irmãs para poder fazer a cabeça dos bonecos, dos fantoches (risos soltos). E foi assim que eu comecei a gostar”, revela com a típica cara de quem se encontrou na vida...

O certo é que a magia das formas animadas costuma mesmo encantar as pessoas. Segundo Izabela Brochado, talvez por ser o boneco feito à nossa imagem e semelhança.

“Porque que nos encantamos tanto com Deus? Porque temos a perspectiva, primeiro que nós teremos continuidade por meio do Criador, então, seria desesperador saber que acabou, acabou... Os bonecos nos dão a sensação que somos deuses e que podemos habitar o mundo da maneira que imaginamos, como gostaríamos, ou para fazer as críticas que queremos. E, para quem assiste, há uma fala importante de um pesquisador americano que pontua que o boneco traz em si uma incoerência tão grande que todo mundo sabe que ele é de uma matéria morta, mas que, no entanto, ele tem vida, e a vida dele é animada pelas mãos dos seus manipuladores, bonequeiros. É esse jogo entre morte e vida que também remete isso a nós, essa circularidade da nossa própria vida que é querer ter essa dimensão. Acho que outro aspecto é a liberdade que o boneco nos dá, boneco não é regido por gravidade, pois você tem

condições de fazê-lo voar, de representar um boneco na lua, um foguete subindo, então, você trabalha com as diversas dimensões que estão na nossa imaginação, mas que não estão na nossa visão. E o boneco traz isso, ele possibilita também a construção. Como se fosse uma epifania, esse momento que você fala: puxa vida, eureka! Nossa que maravilha!", explica Brochado, que também é diretora e atriz bonequeira e concentra a sua atuação nos seguintes temas: teatro de bonecos, cultura brasileira, tradição e memória.

Mas com tantos lugares para bater asas, a Voar foi felizmente alçar voo no Gama. Quanta história ainda por contar...

# Um

## A gênese do grupo A viagem de Marco Augusto pelo mundo dos bonecos

**M**arco Augusto aventura-se em sua jornada como um garoto que relembra o primeiro brinquedo.

“Um dia eu estava indo para uma aula de natação no SESI e vi um cartaz assim: OFICINA DE TEATRO DE BONECOS . Eu me inscrevi e quem ministrava a oficina era o grupo Bagagem, que era composto pelo Airton Marciano, Adriana Guimarães e Narcísio Quaresma. Fiz a oficina e gostei, aprendi a melhorar a maneira como confeccionava meus primeiros bonecos”, ressalta.

“Após da oficina, resolvi fundar meu próprio grupo, chamei alguns amigos e daí nasceu o “Trapo do Baú”. Começamos a apresentar em diversos locais e foi uma experiência muito interessante. Eu, Cristóvam Patrício e Luís Cláudio formávamos o grupo”, recorda o bonequeiro.

“Nessa época, já existia o Núcleo da Associação Brasileira de Teatro de Bonecos (ABTB). Nosso grupo foi

levado pelo Airton e se apresentou para a Associação. Nós já conseguimos fazer algumas apresentações em projetos no Parque da Cidade, e depois percebemos que poderíamos fazer isso de forma profissional, viver disso! Foi aí que eu comecei a entrar profissionalmente no teatro de bonecos”, revelou Marco Augusto .

“Depois de um tempo, o Airton convidou-me para participar do grupo ‘Bagagem’. Aceitei o convite dele e saí do grupo Baú. Lá começamos um projeto de pesquisa e de montagem de novos espetáculos. Começaram a dar muito certo as montagens. Fizemos muitos espetáculos diferentes e pesquisas de outras técnicas, como manipulação direta, boneco de marote, que é outra forma, começando os espetáculos. O primeiro espetáculo que montamos foi uma readaptação que se chama “Varal de Bonecos”, relembrou, saudoso, o artista.

“As aventuras do capitão Catapimba” foi um dos espetáculos mais diferentes, pois utilizava a linguagem do palhaço e boneco num projeto muito interessante, tanto que recebemos um prêmio no Festival de Teatro de Anápolis (GO). Isso incentivou-nos a começar a fazer outras pesquisas e daí surgiram vários espetáculos com o Bagagem”, aponta o criador da Voar Teatro de Bonecos.

“Aí, vem a pergunta: Como é que sobrevivíamos naquela época, fazendo teatro de bonecos? Estávamos em 1989 e não existia, quer dizer, existia muito pouco incentivo, poucos projetos, então a gente fazia muita apresentação em escola, vendíamos os espetáculos para as instituições educacionais e participávamos de

alguns festivais. Dessa forma, como grupo Bagagem participamos de festivais importantes”, recorda-se Rezende.



O jovem Marco Augusto dando seus primeiros passos no Grupo BAGAGEM

Não demorou muito para que surgisse em 2003, a Cia Voar Teatro de Bonecos, fundada Marco Augusto Rezende, diretor e bonequeiro oriundo do Grupo Bagagem Cia de Bonecos, no qual atuou por 15 anos. É uma entidade formada por artistas e educadores do que atuam na área cultural, com atividades voltadas para infância e juventude por meio das artes cênicas, espetáculos e oficinas de teatro de bonecos, contadores de histórias e circo. A Cia. tem como proposta o estudo e a prática do teatro de bonecos, levando em conta a sua tradição e inovações, visando compartilhar suas experiências de oficinas e ações sócio-culturais no, então, Ponto de Cultura Ação Cultural do Gama.

O grupo se divide em núcleos de pesquisa sobre aspectos e singularidades da linguagem do teatro de bonecos e formas animadas como dramaturgia, confecção, manipulação, interpretação e encenação. Vários profissionais convidados participam de suas produções agregando valores e novas possibilidades de enriquecer a linguagem cênica.

Seus trabalhos utilizam a arte como veículo motivador e propagador da cidadania e educação ambiental. Sua trajetória tem sido marcada pela experiência profissional e a qualificação de seus membros com participações em importantes projetos no Distrito Federal.



Marco Augusto, nos primórdios da Voar Teatro de Bonecos

# Dois

## Quem faz sonhar

**N**inguém chega muito longe sozinho. Para conseguir tocar tantos corações e construir uma bela história, muitos membros passaram e continuam engajados embalando o trabalho da Voar.

“Nesses 15 anos – data simbólica que mostra nossa maturidade – tivemos altos e baixos e vivemos muita coisa juntos. Muitos passaram pela Voar e nos ensinaram, também ensinamos muitas pessoas. Estamos consolidando a nossa missão, a nossa visão. Temos um currículo de erros e acertos que nos permite seguir por mais 15, 40, 50 anos”, pontua Marco Augusto.

“Tento pensar no diferencial de nossa companhia. Talvez o de buscar a experimentação sem o medo de mergulhar em outros caminhos, sem deixar de sonhar e de buscar deixar uma contribuição efetiva. Tudo isso, fazendo a ponte com a tecnologia, o meio ambiente, com os pés fincados em nossas raízes. Temos que olhar ao que se passa à nossa volta, rompendo barreiras e fazendo uma cultura mais criativa e livre. E, é claro, com toda a equipe unida na mesma vibração, na mesma gana transformadora que move quem faz arte”, propõe o bonequeiro.

## ALESSANDRA BARROS



“A Cia. Voar me proporcionou ser a profissional nas artes cênicas que sou hoje” –  
foto de arquivo pessoal

Em 2004, Marco Augusto convidou Alessandra Barros para montar um espetáculo baseado na obra de Ziraldo. Montaram um trabalho singular, “O menino maluquinho”, o preferido dela. Foi assim que foi se integrando à Cia. Voar como bonequeira, manipuladora de bonecos e produtora. Trabalhou de 2004 até 2010. Depois de quase 9 anos distante da Voar, voltou à companhia.

“Com a Voar aprendi sobre o processo de construção dos bonecos e a presença de ator/manipulador em cena. E sobre o procedimento que constrói a poética de cada cena, nascida da concepção

que, antes de mais nada, se inicia tanto no aspecto visual, quanto na estética e na dramaturgia. E a partir do exercício do ator/manipulador com o boneco, somos capazes de perceber a necessidade da transferência de energia, e assim imprimir no boneco sons, gestos, ações. Aprendi também, que o exercício de manipular um boneco em cena é muito forte, capaz de nos conduzir a um exercício criativo mágico. Quando está em cena com o boneco, o ator/manipulador representa algo, há um porquê dele estar ali, por mais neutro que presume estar, nenhum artista presente é invisível. E assim, antes de acederem as luzes, há um corpo sem vida. Mais, ao acender a magia acontece, isso é forte e lindo! É encantador! Isso é a Arte com Bonecos! Um Viva aos bonequeiros da Cia. Voar!”, finalizou.

## ANDREA MARA (ANDRINHA)



“Aprendi com o Marco Augusto que o sucesso vem mesmo com muito trabalho” –  
foto de arquivo pessoal

Tudo começou em 2009. Andrinha iniciou como secretária e depois virou produtora na Voar. O Festineco foi seu momento marcante. Foi sucesso total, e ela junto.

“Marco é muito dedicado. Aprendi muito e tenho grande respeito por ele e lindas recordações da companhia”, diz.

“Ele deu e dá muitas oportunidades não só a quem é artista. E isso é maravilhoso. Desejo sorte e vida longa, hoje e sempre, à companhia. Que a luz sempre brilhe a eles que iluminam o caminho por onde passam”, enfatizou Andrinha, com um sorriso que clareia qualquer vereda.

## DAIANE SIQUEIRA



“Foi uma experiência maravilhosa porque foi meu primeiro contato com os bonecos”- foto de arquivo pessoal

De batismo, nasceu Daiane Kelly Siqueira Santana, mas o mundo da arte a acolheu como a Palhaça Biliska. Ela conta que conheceu a Cia Voar em 2002 em uma oficina de confecção de bonecos. Ainda no mesmo ano, como resultado da oficina nasceu o espetáculo “O menino maluquinho”, baseado na obra de Ziraldo.

“Sempre foi um contato com muito aprendizado, por isso permaneço no mundo da arte até hoje”, revela a artista.

Com carinho, Biliska manda seu recado: “Ao voar os meus parabéns, por levar a tantas e tantas crianças esse mundo mágico da arte do boneco”, finalizou.

## DELMIRA



“Gosto muito das pessoas que participam e o Marco é um ótimo diretor também”  
– foto de Toni Guedes

Delmira começou, anos atrás a fazer cursos, vários, na Cia Voar. “Minha formação foi lá. Eu já tinha muita vontade de participar como atriz e foi uma realização de um sonho para mim”, ela revela, com os olhos já enevoados.

Ela conhece a companhia desde a fundação. Depois de se preparar, trabalhou no espetáculo “Sonhos de uma noite de verão”.

“Relembro como se fosse hoje, afinal não dá para esquecer de minha primeira apresentação como atriz. Sou muito grata à Voar Teatro de Bonecos”, conclui Delmira que sempre que pode, cultiva sonhos em noites de todas as estações.

## FERNANDO LOPES



“Espero contribuir com a construção dos próximos 15 anos! “  
– foto do arquivo pessoal

Fernando soube da existência da Voar entre 2011 e 2012, pois naquela época trabalhou na incubadora de arte e cultura da UnB e a companhia procurou essa parceria. Todavia, o contato pessoal não aconteceu.

“Somente este ano, quando fui selecionado por meio de um edital da companhia para ser produtor que tivemos o contato real e incisivo. Tenho trabalhado desde então com a capacitação para o empreendedorismo, promovendo inovação organizacional, preparação de projetos e tem sido ótimo”, afirma Lopes.

“Que a força criativa da Voar resista e conviva harmoniosamente em um mundo digital”, deseja o produtor.

## FRANCISCO CUNHA



“Para mim foi um motivo de grande felicidade trabalhar com a Voar”  
– foto de Andre Borges – Agência Brasília

Francisco conheceu a Companhia em abril de 2016 e foi por meio de um anúncio de emprego que ele passou a acompanhar de perto esse trabalho. “Foi meu primeiro contato com esse universo da manipulação de bonecos. Desde então, estou há três anos na companhia”, comenta.

Ele Já trabalhou em quase todos os espetáculos, não na manipulação dos bonecos, mas na produção. “O que tem chamado mais minha atenção é ‘Os meninos verdes’, devido à qualidade da história e dos atores bonequeiros. Eu gosto muito dessa história”, revela.

“O que ficou de bom para mim durante esse período de trabalho na Voar foi ter conhecido pessoas que fazem parte desse time e que levam muito a sério o trabalho. Esses 15 anos acredito que representam muito trabalho e dedicação. E entusiasmo, por um bem maior que é fazer alegria”, finaliza.

GILMAR PEREIRA



“Sinto orgulho de ter feito parte desse história” – foto de arquivo pessoal

Gilmar teve contato com a companhia em 2009. Depois, por seis meses, trabalhou como assistente de produção do projeto Viveiro Cultural, e em mais tantos outros projetos que deixaram inúmeras boas recordações: “Essa experiência foi transformadora. Lembro das viagens, das histórias, das culturas de cada região que viajamos. Se for relatar aqui escreveríamos outro livro (risos)”, observa Gilmar. “Algo que me tocou foi o espetáculo ‘Os meninos verdes’, por trazer uma mensagem necessária. Essa peça tem uma certa ligação com a minha história de vida”, emociona-se Gilmar.

“Da Voar ficou muita amizade, respeito e boas recordações. Desejo sucesso a toda a companhia e que venham mais 15 anos com grandes produções e o desejo constante de levar o melhor do teatro de bonecos para o Brasil e o mundo. Parabéns pela bela jornada”, conclui o artista que, no momento, chefia o Núcleo de Políticas Sociais, Cultura, Esporte e Lazer, da Administração Regional do Gama.

## JARLENE MARIA



“O trabalho do Voar é bem bacana” – foto de arquivo pessoal

O sorriso de Jarlene começou a iluminar a Cia Voar em 2014. Ela que é atriz e encanta com suas técnicas de palhaçaria, tem integrado os Brincantes do Gama. Ela criou o palhaço cadeirante Alegria, que leva uma mensagem de inclusão às crianças por onde passa.

“Gosto do Festineco, é um festival que sempre me encanta a cada nova edição”, diz radiante, ela que é cadeirante, troca passos de bengala e nasceu com paralisia cerebral do tipo displégia espática.

Quanto ao trabalho de Marco Augusto ela não poupa elogios. “Acho o trabalho muito bem organizado e desejo muito sucesso. Que venham sempre bons projetos para que o mundo fique mais leve e alegre”, finaliza contagiando a todos com sua garra, pois nada a impede de ser feliz.

## JOÃO VELOSO



“Muito obrigado por vocês terem existido e continuarem a fazer parte de minha história”

João Veloso conheceu o Voar por uma dessas supostas coincidências da vida: Lúcia, a professora que lhe encantara com artes cênicas no Ensino Médio, apresentava em 2010, “João e o pé de feijão”. Ele trabalhava na Cia Bagagem, ficou algum tempo. Depois, por essas belezas da vida, acabou indo trabalhar ao lado da mestra inspiradora.

“Minha vida no Voar é feita de ciclos. Trabalhei uns dois anos e meio e saí. Sempre encantado com meu espetáculo predileto: Os meninos verdes. Afinal, faço muitos personagens e isso é ótimo. Recentemente, voltei. A Cia Voar é uma escola. Para trabalhar com bonecos temos que aprender a fazer tudo. Levei isso para a vida”, disse o artista escalando seu pé de feijão.

## JOSÉ AQUILES



“O que ficou de bom desse tempo foram as experiências que tive” – foto do arquivo pessoal (Aquiles está de verde)

José Aquiles conhece a Voar desde sempre, afinal, seu pai a fundou. Ele já trabalhou ativamente durante um ano antes de entrar para a universidade fazendo de tudo um pouco, como assistente de produção, sonoplasta, iluminador, e até vestindo boneco gigante no Carnaval.

“Trabalhei uma vez com iluminação em “Os meninos verdes” e, depois, com mais frequência com a trilha sonora da peça “João e o pé de feijão”. Gosto de ambas. Viajei para alguns lugares bem diferentes, conheci pessoas diferentes. Desejo boa sorte para a Voar nesses tempos difíceis que vem por aí”, afirmou o filho torcendo que o pai nunca abandone a poesia que mora nele.

## JULLYA GRACIELA



“Desse tempo ficou o aprendizado e o respeito pela arte”  
– foto de arquivo pessoal

Em 2004, Jullya teve contato com a companhia em um oficina de bonecos e máscaras que foi realizada no Recanto das Emas. Já no ano seguinte, Marco Augusto a chamou para trabalhar como contra-regra e fazendo a voz da Julieta em “O Menino Maluquinho”. Depois disso, participou da companhia em atividades diversas e em festivais. Em 2011, foi contratada pela Voar.

“Gostei muito de participar de ‘A princesa de Bambuluá’. Os espetáculos da Voar tem uma sutileza e sensibilidade com a poesia trabalhada com teatro de bonecos. Foi uma experiência muito bacana, na qual eu pude aprender e trocar experiências com outras companhias, pois viajávamos para muitos festivais”, disse saudosa

“Que continuem a levar arte às crianças e nunca deixem a poesia dos bombeiros apagar. Parabéns pelos 15 anos e sucesso sempre. Evoé!”, concluiu.

LÚCIA CORRÊA



“Sou muito grata à Voar por todas as experiências adquiridas”  
– foto de Kacau Machado

Por volta do ano 2000, Lúcia Corrêa conheceu a Voar. Contudo, somente em 2007, essa relação assumiu um caráter mais sério. A partir dali, atuou, produziu, escreveu e ajudou a criar projetos e festivais.

“Pelo projeto Palco Giratório, viajamos por muitos estados, com ‘Os meninos verdes’, que tanto me encanta, revela Lúcia.

“Marco é um guerreiro. Levou o trabalho adiante mesmo quando tivemos que fechar as portas na crise cultural de 2013. É um visionário e provoca transformação a partir dos projetos e festivais que idealiza e executa. Que a companhia continue sempre a Voar pelo mundo afora”, finaliza.

## MAISA ANGÉLICA



“Foi uma experiência única que me trouxe muito conhecimento e alegria, por isso sinto muita saudade” – foto de arquivo pessoal

Cinco anos. Foi esse o período no qual Maísa trabalhou na Voar como produtora, indo de 2007 a 2012. “Trabalhei na produção de todos espetáculos, mas “Os Meninos Verdes” me atingiu em cheio pela magia poética de Cora Coralina tão bem encenada com os bonecos/atores da Cia Voar”, compartilhou.

“O que ficou de bom foram as lembranças de bons momentos nos festivais: FESTIBRA, ESPETACULIM E FESTA LATINA DE BONEQUEIROS E BRINCANTES, assim como a oportunidade de conhecer vários grupos de teatro de bonecos nacionais e internacionais. É muito bom ver de perto o resultado do sonho de um garoto criar asas e se transformar em um trabalho tão bonito de levar arte, alegria e encantamento às pessoas por meio dos bonecos. Parabéns Marco pelo belíssimo trabalho!”, finalizou.

## MARIANA FERNANDES



“Que nossas próximas gerações continuem a fazer o mundo viajar de olhos abertos” -arquivo pessoal

Mariana quando criança acompanhava os espetáculos da Voar, levada pelo tia, para museus, shoppings... O tempo passou e o olhar sobre os bonecos evoluiu: “Hoje, acompanho um espetáculo por diferentes prismas sem perder a capacidade de continuar sonhando com o que vejo”, diz serena.

“Adoro o espetáculo ‘Os meninos verdes’ por tratar de maneira inteligente e sensível a questão das diferenças entre cada um de nós. Tenho que ressaltar o comprometimento de Marco Augusto por esse trabalho. Não raro tira do bolso para que a jornada não acabe. Desejo ainda mais sucesso à companhia”, finalizou.

MONICA GISEUDA



“Vida longa à Voar, minha companhia do coração” – foto de Toni Guedes

Monica Giseuda faz parte dos que conhecem a Voar desde os primórdios.

“E tenho grande satisfação em dizer que já trabalhei em algumas peças, mas destaco ‘Os meninos verdes’ e ‘Sonhos de uma noite de verão’. A experiência foi ótima: Trabalhei, fui a diversos locais, conheci vários estados do Brasil junto com a Cia Voar Teatro de Bonecos”, disse vasculhando a memória.

Quanto ao futuro, sonha em seguir o trabalho de artista, tendo acesso a outros lugares, por meio de sua arte concebida a partir da força que as formas animadas propiciam.

“Gostei muito e pretendo, quem sabe, trabalhar muito mais ainda”, finalizada sonhando de olhos bem abertos.

## ONILDO JÚNIOR



“Ao Voar deixo meu sincero agradecimento pelo convite para fazer parte dessa história” – foto de arquivo pessoal

Onildo conheceu a Voar quando a companhia começou a bater as asas. Ele trabalhou como ator/manipulador nos espetáculos “A princesa de Bambuluá” e “ O Menino Maluquinho”.

“Ambos espetáculos foram importantes e muito gratificante para minha formação profissional. Contudo, ‘A princesa de Bambuluá’ foi muito bacana por ter sido um processo de criação coletiva. Saudades dos festivais que participamos, dos colegas”, expressa o artista.

“Que a companhia continue levando sonhos e alegrias por onde passar e que venham muitos anos de bonecos, histórias e emoções”, concluiu.

REGIANE ALVES



“Desejo ao Marco que Deus siga abençoando os passos dele” –  
foto de arquivo pessoal

O teatro de bonecos precisa ser inclusivo e atingir o máximo de pessoas. Com essa premissa, Marco Augusto seguiu contratando profissionais de libras para traduzir os espetáculos ao público. Foi assim que Regiane, tradutora, começou em 2016 a prestar serviços ocasionais à Voar. Em 2016, a relação ficou mais séria a partir de “Os meninos verdes”.

“Esse espetáculo é especial. Lindo, leve e lúdico. Eu já conhecia o texto e fiquei impressionada com a transição que a Voar deu a ele”, afirma.

“Normalmente, chega o profissional de libras, faz o trabalho e sai. No caso da Voar, somos tratados de modo muito carinhoso. Sinto-me com em família”, finaliza.

## RAVEL MESQUITA (*IN MEMORIAM*)



“Minha profissão minha paixão... E o palhaço o que têm? Alegria e um bem”  
– foto de arquivo pessoal

Nascido Gerlan Silva Mesquita, mas conhecido artisticamente como Ravel Mesquita, esse artista teve uma passagem rápida pela companhia. Ele interpretou o personagem “O príncipe dos Pássaros”, em “A princesa de Bambuluá. Entretanto, segundo Marco Augusto, Ravel o fez de maneira fantástica. “Ele passava tanta energia no que fazia que nos contagiava. Era alguém que exalava amor ao ofício. Esse foi seu grande legado”, revela o diretor da Voar.

Ravel, a você, a gratidão pela alegria que sempre semeou ao nosso lado.

## TADEU GUEDES



“Desejo que ainda venham muitas celebrações ao Voar” –  
foto de arquivo pessoal

Tadeu Guedes conhece a companhia desde o princípio e há cinco anos integra o time da Voar, só que fica nos bastidores, na diretoria do grupo e costuma ajudar na montagem e desmontagem de espetáculos.

“Gosto mais do espetáculo ‘Adivinha, Adivinhão’, pois acho esse texto o mais engraçado, é diversão pura. Como trabalho longe do palco, posso acompanhar a receptividade do público e perceber como os bonecos mexem com os nossos sonhos”, revela.

“Espero que as políticas públicas continuem a alcançar artistas como o Marco Augusto que planejam e executam. Por isso, escolhi mandar essa foto do Lúcio Costa. Marco, assim como ele, muda o caminho por onde passa”, atestou Guedes.

## WESLEY BARBOSA



“Ficou muita coisa boa em mim!” – foto de arquivo pessoal

Wesley integrava o grupo “Cidade dos Bonecos” quando teve seu primeiro contato com a Voar. Somente em 2008, com “A princesa de Bambuluá”, ele adentrou de vez naquele grupo. Confeccionava bonecos, atuando, trabalhando na sonoplastia, enfim, mergulhou no universo da companhia.

Ele recorda-se emocionado de O menino maluquinho. “Gosto de todos, mas esse texto baseado na obra do Ziraldo é sensacional! Fico muito comovido com esse espetáculo até hoje”, alega o bonequeiro.

Sobre sua trajetória no grupo, Barbosa não pensa duas vezes: “A experiência foi mágica do início ao fim. Tinha sempre muita inovação em cada montagem. Que a companhia continue voando o mais alto que puder. É uma estrela num cantinho do céu, por isso, siga brilhando”, diz com o olhar focado num ponto vazio da sala, chamado saudade.

# Três

## O diálogo com a literatura

“ Quem quer desencantar a princesa de Bambuluá? Viam apenas o rosto de uma moça bonita como um anjo. Só o rosto. E era esse rosto que pedia socorro.”

A Princesa de Bambuluá – CÂMARA CASCUDO

**A**lgo muito claro no trabalho da Voar é o repertório que, de maneira muito bem-sucedida, enfrenta o desafio constante da transformação de um texto originalmente literário para uma estrutura dramática adequada ao universo da manipulação, inserindo técnicas diferentes como **Formas Animadas** (feita com elementos que não são inicialmente criados para serem animados, como uma vela, um balde, uma bola...), **Teatro de Sombras** (utilizando a projeção da sombra de bonecos, objetos e pessoas), **Fantoches/Bonecos de mão ou luva** (boneco de vestir com a mão, é um dos tipos de bonecos usados no Mamulengo, forma popular tradicional de teatro de bonecos, muito presente principalmente no Nordeste brasileiro), **Marionetes** (bonecos de fio, sendo que a parte onde são pendurados os fios é chamado entre outros nomes de avião), **Puppi** (utiliza varas para manipular o boneco por cima), **Bonecos de Vara** (manipulados por vara ou haste), **Marrote/Muppet** (boneco em que se coloca as mão dentro para fazer a

manipulação da boca) e **Manipulação Direta/técnica japonesa do bunraku** (o animador pega diretamente no boneco para fazer a manipulação sem utilizar fios ou varas, logo o animador fica aparente no palco).

Segundo a profa. Luciana Moretti Angelo, “um artista manipulador pode interpretar vários personagens em uma peça, sem desprender muito tempo para troca de caracterização, pois a troca de boneco é rápida. Nessa circunstância, a preocupação está no desgaste e tempo de caracterização vocal do artista, pois o que provoca emoções e dá expressão aos bonecos são as vozes e os pequenos gestos possíveis através da manipulação”.

Por isso, adaptar textos literários ao mundo do teatro de animação é tarefa prazerosa, mas árdua pois o teatro interfere na estrutura narrativa com a adoção de princípios dramáticos, como a presença dos personagens, como lastro psicológico ou tipologia social, do diálogo intersubjetivo e do conflito. Assim explica a professora da Escola de Teatro e do departamento de Teoria Teatral da Unirio (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro), Dr<sup>a</sup> Maria Helena Werneck.

Para ela, a permanência do realismo cênico está, no entanto, abalada pela fonte literária, que interfere na analogia entre verdade e ficção, oferecendo-se uma ficção anterior como referência. Tudo devido à materialidade do texto literário e ao suporte da materialidade cênica, criando uma forma de intertextualidade, que pode se apresentar mais ou menos explícita no texto adaptado ou na cena construída.

Uma apresentação literária, pois, a partir do teatro de bonecos nos transporta para um momento no qual não temos escolhas óbvias, pois por mais que o

texto esteja fechado, ele está sempre aberto ao jogo, à troca do boneco com o público, com as interações tão imprevisíveis com a plateia de qualquer idade transformando o espectador/leitor em coautor, ofertando uma certa liberdade para imaginar cada passo da trama, a partir de um fio condutor próprio de cada sugestão dada pelo ator/manipulador.

O caminho mais fácil seria o de respeitar a autoria e a essência das narrativas, criando apenas cenas fieis às descrições e às ações presentes nas histórias. Contudo, a grande beleza está na tentativa da oferta do diálogo e não a submissão de um elemento ao outro (da troca constante do texto à encenação, da encenação ao texto).

Marco Augusto explica que a literatura é algo que sempre fez parte da vida dele. “Para mim, a literatura é a mãe da dramaturgia. O autor pensa na história e ela ganha a vida por meio de personagens, bonecos, atores, vira dramaturgia. É uma relação muito viva!”, discorre o artista.

“Temos muitos espetáculos nessa seara: ‘O menino maluquinho’, de Ziraldo; ‘Os meninos verdes’, de Cora Coralina. Sempre bebemos nessa fonte. Tanto que ‘João e o pé de feijão’ foi o nosso primeiro espetáculo, que é um conto de fadas de origem inglesa, de domínio público. A versão conhecida mais antiga é a de Benjamin Tabart, publicada em 1804. Essa história vem sendo sempre passada de uma geração a outra. O que move qualquer criação cênica, a dramaturgia é uma história. Ela vira literatura, depois dramaturgia e depois, em nossos corações, ela vira real, se materializa ultrapassando tempos e fronteiras”, observa o bonequeiro e diretor.

Para que todos possam ter uma clara ideia do que é essa troca de experiências com a literatura e, ainda, que ***O voo da imaginação*** possa deixar um legado do trabalho da Voar Teatro de Bonecos, no capítulo a seguir compartilharemos alguns dos textos da dramaturgia da companhia.

# Quatro

## Os espetáculos

**M**unida de um rico repertório, a Voar tem feito sucesso com espetáculos com diferentes técnicas e sempre repleta de alegria e surpresas.

A companhia ao longo de seus quinze desenvolveu um processo de composição dramática baseado no processo colaborativo. Reunidos em torno de temas escolhidos, os componentes do grupo estudam, discutem, experimentam e concebem seus espetáculos buscando uma forma de expressar os anseios e pensamentos do coletivo. O processo do grupo se pauta por uma dramaturgia baseada nas possibilidades de movimentos e imagens que o boneco pode executar e nas cenas que essas imagens são desenhadas perante o espectador.

Nesse sentido, “sempre buscou uma profunda pesquisa sobre a linguagem do teatro de bonecos, seu foco principal, mas transita em pesquisas musicais e outras linguagens teatrais que acrescentem em seus trabalhos. Em sua trajetória, os espetáculos abordam assuntos provocativos como a valorização às diferenças (Os Meninos Verdes), a busca incessante dos objetivos de vida (João e o Pé de Feijão), a valorização da literatura

brasileira e o valor da infância (O Menino Maluquinho), a morte tratada com leveza e sensatez (Tramóias para enganar a morte) e tantos outros que provocam reflexão, sempre de forma criativa e divertida”, explica Marco Augusto.

“Para garantir a acessibilidade, incluir pessoas com deficiência auditiva e, ainda, difundir o contato com a língua de sinais, temos conseguido oferecer intérprete em Libras, algo necessário para pessoas com esta realidade e que não recebem atenção na sua limitação comunicativa”, revela o diretor criativo da Voar

## JOÃO E O PÉ DE FEIJÃO (2004)

ADAPTAÇÃO DE CONTO POPULAR TRADICIONAL



Foto de Toni Guedes

João e o Pé de Feijão é o primeiro trabalho da Cia Voar. Um espetáculo solo em que Marco Augusto dá vida a todos os personagens da história de João, um menino que, movido pela curiosidade, fantasia e astúcia de toda criança, vence o gigante

e acaba com a fome e a aridez do lugar onde mora, mudando seu destino e de sua família. Um conto popular rico em simbolismo, uma aventura fantástica e de elementos mágicos: a semente que brota até o céu, a galinha dos ovos de ouro, o terrível gigante, a harpa encantada, tudo isso encenado com o encanto do teatro de bonecos.

### **FICHA TÉCNICA**

Adaptação, direção e atuação ..... Marco Augusto

Sonoplastia e Iluminação ..... Gilmar Martins

Duração: 40 minutos

(classificação livre)



Foto de Toni Guedes

## CURRICULO JOÃO E O PÉ DE FEIJÃO

- Projeto de montagem “JOÃO E O PÉ DE FEIJÃO” agraciado pelo FAC (Fundo de Apoio Cultura do DF) 2003.

- Prêmio de melhor trilha sonora do 5º Festival Nacional de Teatro de Jales SP 2004.

- Apresentação no projeto SESI Cultural 2004, 2007, 2008;

- 23ª Feira do Livro de Brasília;

- 5ª Mostra de teatro do Gama;

- 2ª Mostra SESC do teatro Candango;

- 3º Roda de teatro de bonecos, no Ponto de Cultura Invenção Brasileira;

- 3º Circuito Rural de Teatro de Bonecos realizado pela ACTB Associação Candanga de Teatro de Bonecos 2006.

- 12º FENTEPP Festival Nacional de Teatro de Presidente Prudente SP – 2005.

- 15º Festival Espetacular de Teatro de Bonecos de Curitiba – 2006.

- 4º Festival de Brasília de Teatro de Grupos – 2006.

- 1ª Festa Latina de Bonequeiros Brincantes e Pensantes – 2006.

- Selecionado para compor a programação dos centros culturais BANCO DO NORDESTE 2009 com apresentações em Fortaleza CE, Juazeiro do Norte CE e Souza PB.

- Selecionado para o Palco Giratório SESC – (apresentações em vários estados) – 2010.

- 3º Festival Cultural (Bagagem Cia de Bonecos) – 2011
- Projeto Lições de Pererê (Bagagem Cia de Bonecos) – 2011
- Apresentação na Espanha, Festival MITSOL – 2011-
- Apresentação no México, Festival de Reinosa – 2011
- Apresentação no México, Festival de Monigotes – 2012
- Apresentação no Chile, Festival Títeres Aventureiros – 2016
- Prêmios: Especial do júri, de direção e de Melhor ator categoria infantil no Festival de Teatro de Jales (SP) – 2011

## DRAMATURGIA

### JOÃO E O PÉ DE FEIJÃO

ADAPTAÇÃO DO CONTO POPULAR PARA TEATRO DE  
BONECOS: MARCO AUGUSTO

Personagens:

João

Pai

Mãe

Vaca

Retirante 1

Retirante 2

Mestre dos Feijões

Cozinheiro 1

Cozinheiro 2

Gigante

Galinha dos ovos de ouro

#### CENA 01

Um caminhão pau-de-arara entra em cena, dentro do caminhão saem algumas cabeças de bonecos retirantes.

Retirante 1 – Vamos embora Zé.

Zé – Vô não.

Retirante 2 – Deixe de ser teimoso homem.

Zé – Vô não!

Retirante 1- Vamos tentar a vida na cidade grande homem, aqui não chove, se plantar não dá.

Zé – Dá sim.

Retirante 2 – Dá não!

Zé – Dá! Toca o carro Toim, eu e minha família vamos ficar.

Narrador – E lá se foi o pau-de-arara carregando sonhos, esperanças e a aflição, deixando para trás a teimosia do homem que sempre acreditou na terra e sempre acreditou que plantando tudo dá (música o último pau-de-arara).

Zé – Ô Mimosa, Ô Mimosa Cadê você? Você é teimosa (abraça a vaca e fazem algumas brincadeiras) vamos puxar arado (saem arando a terra)

Narrador – Zé tentou, lutou plantou, não choveu e a terra não deu. O tempo veio e Zé morreu. Mas, nossa história não acaba aqui. João, o filho de Zé, continuou a luta do pai. (entram João e Mimosa puxando o arado)

Mãe – João, Ô João, venha cá meu filho. Onde você estava menino?

João (preparando a terra com a Mimosa) – Acho que esse ano vai dar mandioca, abóbora, feijão...

Mãe – Não, meu filho, deixe de sonhar. Todo o ano é a mesma coisa. Era o que seu pai sempre falava. Não dá para esperar, a comida acabou. Vá à feira, venda a Mimosa e, com dinheiro, nós vamos para a cidade grande.

João – A Mimosa não mãe, eu não quero levá-la embora daqui e também não quero ir para a cidade grande.

Mãe – Me obedeça vai logo, criança não tem querer, eu sei o que é melhor para nós. (abraça filho) Coragem filho faça o que tem que ser feito (sai).

João – (procura Mimosa) Mimosa, minha amiga, Ô Mimosa do meu coração, nós vamos passear na feira, vamos ver o que tem de novidade por lá.

Narrador – E lá se foram João e Mimosa para a feira. Mimosa ia tranquila, achando que ia passear, mas vaca não é bicho burro, quando chegou perto da feira cismou achou esquisita aquela barulheira, tanta gente que a vaca empacou.

## CENA 2

Na feira.

João – vamos Mimosa deixe de ser boba. (puxa a vaca) Não vai não é? (entra cutucando a vaca e atravessam o palco, volta levando chifrada da vaca) Ô Mimosa, vou te contar a verdade a gente não veio a que para passear, eu vim te vender a gente precisa de dinheiro para comprar a comida que acabou só você pode nos ajudar ( abraça a vaca) me ajuda amiga. (a vaca balança a cabeça concordando) Então vamos lá, mostre tudo o que você sabe.

Atenção, atenção Tô vendendo essa vaquinha, ela é esperta e sabida e ensinada vejam só, Mimosa finge de morta (à vaca deita) não é de desmaiada não, é de morta. (a vaca estica a perna) Agora senta.

Palmas pra ela tô vendendo, eu só vendo para matadouro e nem para a fábrica de sabão.

Entra uma carroça de circo com vários sacos de feijão.

Mestre dos feijões – Olha o feijão, olha feijão. Ô menino tá vendendo a vaca? Eu troco por feijão.

João – feijão eu troco. Quantas sacas?

Mestre dos feijões – Duas sacas.

João – Duas não. Três (colocam e tiram os sacos da carroça)

Mestre dos feijões – Duas sacas.

João – Duas não. Três! (colocam e tiram os sacos da carroça)

Mestre dos Feijões – Puxa vida você é duro na queda, ainda bem que você não quis os feijões mágicos.

João – Feijões mágicos?

Mestre dos Feijões – É, feijões mágicos que realizam todos sonhos de quem os planta.

João – Eu não quero mais três sacas, eu quero os feijões mágicos.

Mestre dos Feijões – Esses eu não dou.

João – Então não tem vaca, Mimosa vamos embora.

Mestre dos Feijões – Tá bom, tá bom! Negócio fechado. Olha, eu não aceito devolução.

João – Adeus Mimosa (abraça a vaca, pega os feijões e sai).

### CENA 3

João – Mãe a senhora não vai acreditar! Eu fiz um ótimo negócio.

Mãe – Por quanto você vendeu a nossa vaquinha?

João – Eu não vendi, eu troquei por feijões.

Mãe – Trocou por quantas sacas?

João – Três.

Mãe – três sacas de feijão?

João – Não, três grãos de feijão.

Mãe – Deixa de brincadeira menino.

João – Olha mãe, são uns grãos mágicos (mostra os grãos para a mãe).

Mãe – Meu filho, você foi enganado não existe nada mágico nada ouviu. Quem te enganou?

João – Não mãe ninguém me enganou.

Mãe – Ele ainda deve estar na feira, vou buscar a vaca que volta (sai).

João – Volta mãe ele não aceita desfazer o negócio Mam... Eu vou plantar para esses feijões (planta os feijões) agora eu vou a pedir (solene) eu quero ficar rico e nunca mais passar fome (tempo) UÉ!? Não aconteceu nada, esse desejo deve demorar um pouquinho (espera até adormecer).

Narrador – João já tinha desistido e dormido, arrependido de ter trocado sua vaquinha por aqueles feijões que não valiam nada. De repente uma semente brotou e foi crescendo, crescendo, rapidamente até chegar ao céu, João acordou e curioso como toda criança resolveu subir naquela arvore gigante queria saber o quê tinha lá em cima subiu, subiu, subiu, passou dois dias subindo no pé de feijão até chegar em uma nuvem.

João – Eu acho que cheguei em algum lugar...Epa é fofinho (aparece em cima de uma nuvem) nossa! Que legal é uma nuvem (flutua sobre a platéia) Que lugar esquisito. Olha só tamanho desse povo (flutua sobre a platéia e pousa na empanada. (ouve-se o grito do gigante) O que é isso? Eu vou me esconder (esconde-se na empanada. Entram dois bonecos pisando um pilão).

Cozinheiro 1- Ô pisa o milho.

Cozinheiro 2 – Peneira o xerém.

Cozinheiro 1- Ô pisa o milho.

Cozinheiro 2 – Peneira o xerém.

Cozinheiro 1- Ô pisa o milho.

Cozinheiro 2 – Peneira o xerém.

Cozinheiro 1 – Eu não vou criar galinha.

Cozinheiro 2 – Pra dar Pinto para ninguém.

Cozinheiro 1- Ô desconsolo, ô dificuldade, ô sofrimento, ô tristeza, ô desconsolo.

Cozinheiro 2 – ô dor de barriga.

Cozinheiro 1 – Ô seu cabeçudo saia daí que eu já te vi.

Cozinheiro 2- O que esse menino está fazendo aqui? Vai virar tira-gosto de gigante.

João – Tira-gosto?

Cozinheiro1 – Tá maluco? Você vai pro bucho do gigante.

João – Tá para nascer o gigante que vai me passar para bucho.

Cozinheiro 2 – Pois ele já existe e mora aqui nesse castelo, esse malvado come tudo que vê pela frente.

Cozinheiro 1 – Quem ele não come, ele bota para trabalhar de graça para ele, é o nosso caso, nós vamos ficar aqui pisando milho pro resto da vida.

Voz do gigante – Cadê meu angu, Cadê meu angu eu tô com fome.

Cozinheiro 2 – Ai, ai, ai, ai! É ele vamos lá rápido. (saem) Vá embora menino!

## CENA 4

Entra o gigante, prepara a mesa para uma refeição, coloca um enorme prato de angu sobre a mesa, amarra um guardanapo no pescoço, se prepara para dar a

primeira colherada e ouve um barulho, é João escondido na empanada, sempre é interrompido por João que permanece escondido. Desiste de comer, esconde o prato, observa se tem alguém que o espiando, desconfiado pega o seu tesouro, uma harpa e uma Galinha as coloca sobre a mesa, e diz para harpa – Toca. Dança ao som da música, a galinha bota um ovo de ouro, o gigante pega o ovo e o guarda, arma uma cama e se prepara para dormir, coloca a harpa e a galinha em um saco e se deita abraçado com o saco. João aparece sobre gigante tenta levantar o braço dele para pegar o saco, com muito esforço consegue pegar o saco e foge, o gigante acorda furioso e desnorreado, sai à procura de João.

Narrador – João correu o máximo que pode (segura o pé de feijão com uma das mãos), escorregou pelo pé de feijão e quando chegou lá embaixo pegou machado e o cortou. O gigante que ainda estava descendo, despencou lá de cima com pé de feijão e tudo.

João – Madeiraaaaaaa! (sonoplastia do grito do gigante e o impacto no chão).

Narrador – Ufa! Essa foi pouco meu amiguinho (leva boneco para empanada).

João – Mãe! Mãe! Mãe!

Mãe – O quê aconteceu com você é meu filho?

João – A senhora não vai nem acreditar (tira um saco com a harpa e a galinha a harpa toca uma bela melodia. Ao som da música começam a brotar plantas e flores em vários pontos do cenário).

Fim.

MARCOS LINHARES

## O MENINO MALUQUINHO (2005)



Adaptação do livro de autoria de Ziraldo



A adaptação feita por Marco Augusto mostra um contador de história que se vê envolvido com as

brincadeiras do menino, que foge do livro deixando as páginas em branco. A partir daí, se estabelece uma relação de procura ao personagem para devolvê-lo ao livro, criando o conflito imprescindível à encenação. Enquanto isso, o menino interage com seus amigos e com o contador de histórias.

A grande motivação para esta montagem é a obra de Ziraldo, um dos autores brasileiros mais lidos pelas crianças. Levar *O Menino Maluquinho* para o palco é reforçar a relação livro e dramaturgia, uma parceria que muito contribuiu com o teatro mundial. O estilo literário de Ziraldo aliado ao seu traço de cartunista é rico em detalhes imaginativos e estética minimalista, criando várias possibilidades de animação com bonecos permitindo compor um espetáculo de beleza e conteúdo literário, com cenas ricas em poesia visual, relacionadas com a experiência da infância onde impera o lúdico.

A história original é preservada em sua essência, rica em metáforas e simbolismo. As situações do livro são transportadas para o palco através dos bonecos e das possibilidades de encenação e exploração da caixa cênica, utilizando várias técnicas de manipulação que permitem criar cenas fantásticas e elementos mágicos.

A concepção do espetáculo busca retratar a infância no seu sentido mais amplo; o exercício de imaginação, da pureza e da simplicidade, assim como no livro, onde o autor usa ternura para narrar meninices, molecagens, brincadeiras, esperteza, curiosidades e sonhos. *O Menino Maluquinho* traz a identificação não somente nas crianças, mas também nos adultos.

A proposta da montagem é criar um espetáculo belo e rico em poesia com muito humor e ternura, totalmente identificado com a proposta de ZIRALDO que fala às crianças de maneira simples e direta. Sob a direção de Marco Augusto temos um elenco grande para os padrões do teatro de bonecos produzido no DF, somando vivências, técnicas e conhecimentos em prol da qualidade do espetáculo e possibilitando um estudo mais aprofundado da confecção, manipulação e interpretação dos personagens, que, em alguns momentos de *O menino Maluquinho*, serão animados até por três manipuladores com a técnica japonesa do bunraku.

### **FICHA TÉCNICA**

História original..... Ziraldo  
Direção e adaptação..... Marco Augusto  
Menino Maluquinho..... Jullya Graciela  
Bocão..... João Henrique Veloso  
Contadora de Histórias e Julieta ..... Lúcia Corrêa  
Junin e Pedro Álvares Cabral ..... Marco Augusto  
Iluminação e sonoplastia ..... Gilmar Martins  
Confecção de bonecos e cenário ..... O grupo  
Duração: 45 minutos  
(classificação livre)

### **CURRÍCULO DE O MENINO MALUQUINHO**

Adaptação do livro de autoria de Ziraldo

- Prêmio júri popular de MELHOR ESPETÁCULO INFANTIL no 9º Festival Nacional de Teatro de Americana (SP) com o espetáculo “O Menino Maluquinho” – 2005

- 2º MELHOR ESPETÁCULO INFANTIL no 9º Festival Nacional de Teatro de Americana (SP) com o espetáculo “O Menino Maluquinho” – 2005

- Prêmio Especial do júri pela QUALIDADE DE MANIPULAÇÃO DOS BONECOS no 9º Festival Nacional de Teatro de Americana (SP) – 2005

**DRAMATURGIA DE O MENINO MALUQUINHO DE  
ZIRALDO**

ADAPTAÇÃO PARA TEATRO DE BONECOS :  
MARCO AUGUSTO

Personagens:  
MENINO MALUQUINHO  
MARIA DO CONTO  
JULIETA  
JUNIN  
BOCÃO  
PROFESSORA  
MÃE  
PEDRO ÁLVARES CABRAL

**CENA 01 – O MENINO FUGIU**

(Entra uma contadora de histórias. Percebe o público, fica sem jeito. Volta. Depois reaparece. Cumprimenta.)

Maria do Conto – Bom dia! Eu sou a Maria, Maria do Conto. Eu vim aqui hoje para contar uma história pra vocês. É a história desse livro aqui. (mostra o livro ) “ O Menino Maluquinho”. E a nossa história começa mais ou menos assim. Era uma vez um menino Maluquinho. Ele tinha o olho maior do que a barriga. Tinha fogo no rabo. Tinha vento nos pés. E umas pernas compridas que dava para abraçar o mundo. E também tinha macaquinhos no sótão. Olhem só esses

desenhos, fui eu mesma que pinteí. (abre numa página qualquer e mostra para o público. Percebe que está em branco). Ah, não é aqui não, é aqui. (Mostra outra página que está do mesmo jeito. E depois uma terceira. Descobre que todo o livro está em branco). Ué! Cadê os meus desenhos? Cadê minhas ilustrações? Cadê o maluquinho?

(O Maluquinho aparece atrás da empanada e brinca de esconde- esconde com Maria do Conto.)

Maria do Conto – Espera que eu vou te pegar aí viu Maluquinho! (Faz barulhos de passos mas fica parado. O menino aparece) Ôpa! Parado. Parado aí! Volta agora pro meu livro.

Maluquinho – É ruim hein! Você vai ter que me pegar primeiro. (Sai)

Maria do Conto – Ei menino! Ele é impossível mesmo, viu! Peraí que vou pegar esse garoto agora. (Pega a mala e sai gritando pra trás da empanada).

(Maluquinho entra em cena)

Maluquinho – Como essa Maria do Conto é bobinha, ela nunca vai conseguir me pegar.

Luz apaga e ascende no balcão.

## CENA 02 – NAMORO

Aparece Julieta procurando o Maluquinho.

Julieta – Maluquinho! Cadê você?

Maluquinho – Tô aqui ó.

Julieta – Aonde?

Maluquinho – Aqui atrás!

Julieta – Pôxa! Tá todo mundo te esperando pra brincar!

Maluquinho – Eu tô brincando de esconde – esconde com uma contadora de histórias. Julieta, eu fiz um versinho para você.

Julieta – Nossa! É mesmo?

Maluquinho – Gosto muito de você. Acho que estou apaixonado. Mas acho que esse versinho tá com o pé quebrado.

Julieta – Ah! Que lindo!

Maluquinho – Já que você gostou podia me dar um beijinho.

Julieta – Um beijinho? Hummm... Tá bom, mas só um.

Vai pra trás da empanada. Vozes em off.

### CENA 03 – PIPAS

Música. Aparecem várias pipas voando. Vozes de alguns meninos brincando.

Aparece Maria do Conto.

Maria do Conto – Pipas! Onde tem pipa tem menino. (Pula várias vezes até conseguir pegar uma pipa. Puxa).

Aparece Junin chorando.

Junin – Ô, devolve a mina pipa!

Maria do Conto – Ôpa! Desculpa viu. Pensei que fosse outro menino.

Junin – Você quebrou a minha pipa!

Maria do Conto – Desculpa menino. Eu arrumo pra você.

Junin – A rabiola... Estragou também a rabiola.

Maria do Conto – Pôxa vida! E agora? Eu vou é embora daqui.

Entra o Bocão.

Bocão – Ô Junin, por que você tá chorando?

Junin – É porque veio uma moça aqui e quebrou minha pipa.

Bocão – Se fosse comigo, eu dava um chute bem na canela dela, pra nunca mais ele pegar a pipa dos outros.

Entra Maluquinho

Maluquinho – E aí pessoal, tudo legal?

Bocão – Grande Maluquinho.

Junin – Não tá nada legal.

Bocão – Não é que uma moça apareceu aqui e quebrou a pipa do Junin.

Maluquinho – É uma com a cara esquisita e uma roupa engraçada?

Junin – Essa mesmo! Ela quebrou a sua pipa também?

Maluquinho – Que nada! Ela é uma contadora de histórias que cismou comigo. Vamos aprontar uma com ela?

Fazem um círculo e começam a cochichar, rindo muito. Saem.

## CENA 04 – FANTASMA

Entra Maria do Conto.

Maria do Conto – Pôxa! Eu não to conseguindo encontrar esse

Maluquinho. Ele é muito esperto. Também, esse teatro tá muito escuro, não dá para achar nada.

ESCURO! Isso mesmo! (Pega uma lanterna). Eu vou apagar as luzes! E como menino tem medo de escuro, ele vai parar aqui ó, na minha mão. (Dirigindo-se ao iluminador ou ao sonoplasta, caso não aconteça num teatro). Senhor iluminador, por favor, apegue todas as luzes.

Deixe tudo muito escuro! (Ascende a lanterna frente ao rosto. Música tensa, suspense). Numa noite muito escura apareceu um fantasma !!!

Coberto com um lençol todo branco, com dois buracos nos olhos. Saltou fazendo... (Aparecem alguns fantasmas sobrevoando ao seu redor. Maria se agacha morrendo de medo. Depois que vão embora levanta-se e tenta se recompor). Nossa! O que foi isso? Olha, eu acho melhor acender as luzes, parar com essa música, porque senão eu não vou enxergar nada né! (As luzes se acendem). Puxa! Ainda bem que eu não tenho medo de fantasma!

(Os fantasmas voltam assustando-a e Maria foge correndo).

Aparecem Maluquinho, Bocão e Junin, atrás da empanada, vestidos de fantasmas. Tiram os lençóis.

Bocão – (Rindo) Como essa Maria do Conto é madrosa!

Maluquinho – Tomara que agora ela me deixe em paz. Hi, tá na hora de ir pra escola. Vamos lá pessoal. (Saem)

Junin – É, hoje tem aula de geografia, matemática, português. Ei, cadê todo mundo? Pôxa, me deixaram pra trás outra vez. Só porque eu sou pequenininho! (saem)

## CENA 05 – SUBMARINO

Maluquinho aparece dentro de uma banheira, sobre o balcão.

Maluquinho – Capitão Maluquinho iniciando a viagem ao fundo do mar. Atenção tripulação! Mergulhar! Oh não! Nosso submarino está sendo atacado por um polvo gigante, ele vai engolir o submarino!!!! (Mergulha dentro da banheira. Música. Atrás da empanada, na claridade de um retroprojeto aparecem as seguintes imagens: primeiro um submarino, depois o Maluquinho saindo de dentro dele, em seguida, de um tubarão perseguindo-o e por fim, outro tubarão muito maior engolindo o primeiro. Maluquinho foge nadando. Maluquinho levanta a cabeça de dentro da banheira puxando o ar).

Voz da mãe em off – Maluquinho, seu banho está muito demorado! Saia logo de dentro desta banheira!

Maluquinho – Tá bom mãe! Xi! Atenção tripulação, voltar à superfície! Xi! Esqueci a toalha. (Um ator trás a toalha. Maluquinho sai de cena).

## CENA 06 – CACHORRO

Maluquinho sobre o balcão. Mochila nas costas, indo pra escola. Seu cachorro vem atrás dele. O menino reclama algumas vezes com ele mas não adianta. O cão se esconde dentro de uma lata tentando enganá-lo e Maluquinho o retira dali até conseguir fazer com que ele vá embora. Segue para a escola. Voz da professora em off.

Professora – Muito bem crianças, hoje nós teremos aula de artes e vamos trabalhar com desenhos e dobraduras de papel.

## CENA 07 – BARCO

Música. Maluquinho cruza o palco dentro de um barquinho de papel.

Maluquinho – Vamos em busca da ilha do tesouro perdido! Quem nela se aventura jamais sai. As rochas escarpadas e escuras, batidas de ondas bravias, formavam um estranho cenário pra minha figura solitária. Aves marinhas voltejam sobre mim, soltando pios estridentes. Pedras enormes formavam o corte de uma enorme ilha.

Em direção oposta, entra uma caravela com Pedro Álvares Cabral no comando.

Pedro Álvares Cabral – Saia da frente, tirem esse barquinho de papel do alto mar, é muito perigoso.

Maluquinho – Eu sei que é perigoso, mas eu sou Simbá-Maluquinho, o aventureiro dos sete mares. E você quem é?

Cabral – Sou Pedro Álvares Cabral! Estou indo para as Índias. Saia logo da frente, você está me atrapalhando. (sai).

Maluquinho – Vai para as Índias nada. Ele vai é descobrir o Brasil.

Aparece Maria do Conto dentro de um barril, remando, tentando alcançar o Maluquinho.

Maria do Conto – Maluquinho! Vem cá garoto. Parado aí. Volte agora mesmo para dentro do meu livro!

Maluquinho – Hi! Lá vem aquela maluca! É ruim hein! Vai ter que me pegar primeiro!

Maria do Conto – Pois agora você não me escapa. Já tô te alcançando.

Maluquinho – Ei Maria! Olha a água!

Maria do Conto – Ah! Claro que tem água! Estamos em pleno mar!

Maluquinho – Eu to avisando que tá vazando água!

Maria do Conto – Que água que nada! Lá vem você com suas conversas.

Maluquinho – Você tá cega é? Olha o tamanho do buraco no seu barril! (Sai rindo) Boa viagem!!!

MariadoConto – Ah! Não! (Remadesesperadamente até afundar.

Levanta reclamando) Ah!!! Só podia acontecer comigo mesmo viu! Ô azar! (Sai resmungando)

## CENA 08 – GUERRA NAS ESTRELAS

Atrás da empanada. Música.

Voz do Maluquinho – Liga, desliga! Liga, desliga! Atenção! Estamos sendo atacados por forças alienígenas! Ativar o raio laser.

Aparecem planetas e o Maluquinho em cima de um foguete. Viagem espacial.

Saem e aparece uma espada.

Voz da Maria do Conto – Volte já para o lado de dentro do meu livro, Maluquinho!

Surge a espada do Maluquinho.

Voz do Maluquinho – Nunca! Eu sou o Maluquinho Sky Walker! Você vai ter que me derrotar primeiro!

Lutam com as espadas, até que a da Maria do Conto começa a falhar. Ela vai até o público e pergunta de alguém tem pilhas para emprestar a ela.

Maluquinho – Oi, oi, oi, oi...Oito pilhas por um real.

Maria sai reclamando.

## CENA 09 – RELÓGIO

Música. Os atores atrás da empanada brincam no ritmo da música com um relógio, um sol, uma lua e uma estrela.

## CENA 10 – ESCOLA

Música. No balcão, aparecem uma trave de gol e um juiz.

Lúcio (Juiz) – Atenção, atenção! Vai começar o grande clássico do futebol. O time da rua de cima contra o time da rua de baixo. E o jogo está empatado e vai para os pênaltis.

Aparece Maria do Conto.

Maria do Conto – Ôpa! Pênalti é? Ô Sr juiz, eu desafio o goleiro à uma disputa de pênaltis.

Lúcio – E você quem é?

Maria do Conto – Eu sou a Maria do Conto.

Lúcio – Maria é... E menina sabe jogar futebol?

Maria do Conto – Mas é claro!

Lúcio – E cadê o goleiro?

Maria do Conto – Eu sabia, o goleiro amarelou. Deve ter fugido de medo.

Maluquinho aparece.

Maluquinho – Medo que nada, eu estava me preparando.

Maria do Conto – Maluquinho, eu te desafio pra uma disputa de pênaltis..

Se eu ganhar você volta para dentro do meu livro. Topa?

Maluquinho – Topo!

Maria do Conto – Então vou me preparar. Aquecimento!

Ela se aquece. Depois o Menino Maluquinho faz seu aquecimento.

Maluquinho – Pronto, pode chutar.

Lúcio narra o jogo. Maria do Conto chuta a bola

Lúcio – E o goleiro defende e cai de lado.

Maria do Conto chuta de novo.

Lúcio – O goleiro defende de novo e cai de bunda no chão.

Maria do Conto – Agora vou dar meu bicudão.

Maluquinho – Tô pagando para ver!

Ela chuta.

Lúcio – O goleiro defende e flutua no ar.

Maria do Conto reclama.

Lúcio – Ih perdeu, perdeu...

Maria do Conto vai para cima dele.

Lúcio – Ohh, eu não tenho culpa. (sai)

Maria do Conto – Eu não ganho nunca, não consigo sequer acertar uma bolinha. Desisto! Vou embora. (sai reclamando e o Menino Maluquinho a chama)

Maluquinho – Ei, vem cá, fica triste não. Vem aqui que eu tenho um segredo para te contar.

Maria do Conto – Segredo?

Maluquinho – É. (Ele cochicha no ouvido da Maria) Entendeu?

Maria do Conto – Sim, entendi.

Maluquinho – Então toca aqui (Ela vai tocar em sua mão e ele a engana) Pode deixar que eu toco sozinho. (sai)

Maria do Conto monta uma arapuca, coloca um livro e espera, o Menino Maluquinho aparece e olha dentro da arapuca, Maria do Conto puxa a corda fechando-o lá dentro.

Maria do Conto – Peguei!!! O menino Maluquinho tá aqui dentro. (Mostra para as crianças da platéia. A mala possui um espelho no fundo, quando a criança olha vê a própria imagem refletida).

Maria do Conto – Mas, o mais bacana é o que o Maluquinho me deixou escrito aqui ó, nesse bilheteinho.

Voz do Menino Maluquinho em off – Você é um bobona, tanto trabalho pra me pegar. A coisa mais fácil é achar um menino maluquinho. Nós estamos em todos os lugares: nas pracinhas, no campo jogando bola, brincando de pique – esconde, assistindo filmes no cinema...

Enquanto ele lê, no teatro de sombra aparecem fotos de várias crianças com painéis nas cabeças.

Maria do Conto – E esse menino cresceu, cresceu e se tornou um cara muito legal, mas muito legal mesmo. E então ele descobriu que na verdade não era um menino maluquinho, ele era um menino feliz, muito feliz.

Fim

## OS MENINOS VERDES (2006)



Adaptação do livro de autoria de Cora Coralina



Foto de Toni Guedes

O espetáculo mostra as pequenas criaturas verdes encontradas no jardim de Dona Cora. Eles conquistam afeto da poeta por meio de suas brincadeiras, estripulias, do exercício da imaginação e da pureza. Tudo com simplicidade, assim como no livro, onde a autora usou ternura para narrar meninices, brincadeiras e sonhos, provocando a identificação não somente nas crianças, mas também nos adultos.

A história original é preservada em sua essência, rica em metáforas e simbolismo, revelando o lado da autora que poucas pessoas conhecem. A literatura para crianças de Cora Coralina e as situações do livro são transportadas para o palco por meio do teatro de bonecos, permitindo criar belas cenas repletas de poesia.

### **FICHA TÉCNICA**

História original.....	Cora Coralina
Direção e adaptação.....	Marco Augusto
Cora Coralina .....	Marco Augusto
Maricotinha .....	Jullya Graciela
Meninos 01e 02 .....	Lúcia Corrêa
Meninos 03 e 04 .....	Jullya Graciela
Menino 05 e 06 .....	João Henrique Veloso
Seu Vicente (Jardineiro) .....	João Henrique Veloso
Cientista 01 .....	Lúcia Corrêa
Cientista 02 .....	João Henrique Veloso
Iluminação e Sonoplastia.....	Gilmar Martins
Confecção de bonecos e cenário .....	O grupo
Desenhos e computação gráfica .....	Paulo Pietro
Tempo do espetáculo: 45 minutos.	
Classificação Livre	

## CURRÍCULO

- Estréia junho de 2006.
- Projeto de montagem aprovado pelo FAC Fundo de Apoio à Cultura do DF – 2005.
- 2ª Festa Latina de Bonequeiros Brincantes e Pensantes – 2006.
- 5ª Roda de Teatro de Bonecos – 2007.
- 14º FENTEPP Festival Nacional de Teatro de Presidente Prudente SP – 2007.
- 11º Festival Nacional de Teatro de Americana SP – 2007.
- Festival Cena Contemporânea de Brasília – 2008.
- 12º FENATIB Festival Nacional de Teatro Infantil de Blumenau - 2008.
- MIA Mostra de Teatro Para Infância e Juventude promovido pelo SESC – 2008.
- Convidado a participar do Festival comemorativo Cora Coralina - Cidade de Goiás – 2009.
- Selecionado Festival de Inverno de Garanhuns – 2009.
- Selecionado para o Palco Giratório SESC – ( 34 apresentações em vários estados) 2010.
- Apresentado no Shopping Pátio Brasil de Brasília dia 27 de março de 2011.

- Apresentado na Livraria Cultura do Shopping Iguatemi de Brasília dia 03 de abril de 2011.
- Apresentado no 51º Aniversário de Brasília dia 21 de abril de 2001.
- Apresentado no FINNAR – Feira Internacional de Negócios do Artesanato em Brasília dia 23 de abril de 2011.

DRAMATURGIA DE OS MENINOS VERDES DE  
CORA CORALINA

ADAPTAÇÃO DE MARCO AUGUSTO PARA  
TEATRO DE BONECOS

Personagens:

- 7 Meninos Verdes
- Seu Vicente
- Cora Coralina
- D. Maricotinha (Vizinha)
- Médico (Doutor Passos)
- Porta-Voz do Presidente
- Cientista 01
- Cientista 02

CENA-01

Uma horta com muitas verduras, legumes, árvores frutíferas e jardim com muitas flores. Seu Vicente cuida com carinho das plantas quando encontra duas diferentes de todas as outras, como nunca tinha visto antes. Pensa em arrancá-las, mas resolve saber a opinião de sua patroa.

Seu Vicente – Dona Cora, Dona Cora! Nasceram umas plantas esquisitas aqui na horta. Eu devo arrancá-las?

Cora Coralina (Em off) – Não, deixa crescer, vamos ver o que é que sai daí.

Seu Vicente – Que planta mais estranha! Nunca vi nada assim. Será capim santo?

Não, capim santo não é. Lobera!!!! Não, lobera também não. Comigo-ninguém-pode!!!! Não, não pode ser não.”

(Sai comentando o que tem a fazer).

Anoitece, aparece a lua. As plantas começam a se movimentar ao som de uma bela música de piano e com efeitos de luz negra. De dentro das folhas aparecem braçinhos, perninhas, orelhinhas, até formarem pequenos seres verdes que brincam por entre as folhas.

O dia nasce com o aparecimento do sol. O galo canta. Entra Seu Vicente animado para mais um dia de trabalho. Quando rega as plantas, escuta uns grunhidos agudos entre as folhas. Acha estranho e aproxima-se das plantas para ver o que é. De repente, um pequeno ser, pula sobre ele. Seu Vicente dá um pulo para trás com o susto. Os seres estranhos pulam para todos os lados até sumirem. Ele se esconde atrás de uma árvore.

Seu Vicente – Dona Cora, Dona Cora, vem ver uma coisa esquisita aqui na horta!

Cora Coralina (Em off) – Espera um bocado, depois do café eu vou.

Seu Vicente – Não, não, Dona Cora, a senhora tem que vir e é já.

Cora Coralina (Entrando) – Já vou, já vou. Pra quê tanto desespero homem?

Seu Vicente (Agitado) – A senhora tem que ver. Tem uns bichos esquisitos aqui na horta. Nunca vi isso na vida! Tá ali ó, embaixo daquelas plantas.

Cora Coralina (Aproximando-se das plantas) – Ah! Deve ser algum filhote de passarinho que caiu do ninho.

Seu Vicente – Cuidado! Não chega perto, Dona Cora! (As plantas começam a mover-se)

Dona Cora – O que é isso! (De repente aparecem algumas criaturinhas verdes saltando de dentro das plantas) Nossa! Que engraçadinhos! São todos verdes.

(Tocando) E são meio gelatinosos! Olha, estão querendo escapar das mãos.

Seu Vicente – Cuidado, Dona Cora, esse bicho pode morder!

Cora Coralina – Ah, mas é claro que não, eles só querem um pouco de carinho.

Precisamos cuidar muito bem deles! Seu Vicente apanhe um balaio, forre-o com panos e cobertas velhas para acomodar esses bichinhos.

Seu Vicente – Tá bem, tá bem. Eu vou buscar o balaio. (Sai)

Dono Cora – São tão engraçadinhos!

Seu Vicente (Voltando) – Pronto! Tá aqui o balaio

Dona Cora – Agora coloque todos aí dentro, um por um.

Seu Vicente – Tá certo, tá certo. (Tentando pegar) Ei, fiquem quietos! Assim não vou conseguir pegar. Pára todo mundo! Ôche! Vamos lá: é um... Um mais um é dois... Fica quieto bichinho! Hum! Dois mais um é ... Quanto que é mesmo! Ah tá!

É três... Não escapole não rapaz. Três mais um é... É quatro. Fica aí dentro menino. Quatro mais um é... É cinco, cinco mais um é Seis. E acabou o freguês.

(sorrindo).

Dona Cora – Agora vamos levá-los lá pra dentro de casa.

Seu Vicente – O quê? A senhora vai levar esses bichos esquisitos pra dentro da sua casa? Tá bem, se a senhora quer, não é... A senhora é quem manda. Vamos

lá! (Tentando levantar o balaio) Viche! Eles são pesados. E é um, e é dois, e é...

(Som de pum). Viche! Foi sem querer viu. Desculpa viu dona Cora! Vamos, vamos logo que eu já tô com vergonha.

Dona Cora – Cuidado Seu Vicente! Não balance o balaio, não balance o balaio.

SAEM TODOS. Música. Os atores aparecem e trocam o cenário de cima do balcão. As plantas desaparecem e dão lugar a um fogão à lenha e uma mesa com cadeiras.

## CENA 2

Dona Cora (Entrando) – Anda logo Seu Vicente!

Seu Vicente (Entrando com o balaio e capengando as pernas) – Já vai, já vai! O balaio tá pesado.

Dona Cora – Coloque aqui.

Seu Vicente (Soltando o balaio no chão logo que entra) – Pronto!

Dona Cora – Aí não, mais pra cá.

Seu Vicente (Colocando mais perto) – Aqui tá bom!

Dona Cora – Não mais pra lá.

Seu Vicente – Agora tá bom!

Dona Cora – Agora mais pra cá

Seu Vicente (Impaciente) – Dona Cora, pelo amor de Deus. Isso aqui tá pesado.

Dona Cora – Aí, que homem escandaloso. Pronto. Aí tá bom. (Observando dentro do balaio). Nossa! São todos verdes!

Seu Vicente (Observando também) – Verdinho!

Dona Cora – Os olhinhos são verdes.

Seu Vicente – Verdinho!

Dona Cora – O dentinho é verde!

Seu Vicente – Verdinho!

Dona Cora – As unhas... Parecem unhas de passarinho, mas também são verdes.

Seu Vicente – Verdinho!

Dona Cora – E o cabelinho! Parece cabelo de milho.

Seu Vicente – Só se for de milho verde NE! Dona Cora, a senhora sabe me dizer se... (com vergonha) Bom, se são meninos ou meninas!

Dona Cora – Ah, não sei! Acho que aqueles ali são meninos e os de cá são meninas. Ah, sei lá homem.

Seu Vicente – Será que é bicho ou é gente!

Dona Cora – Nossa! Precisamos dar alimento a essas criaturas!

Seu Vicente – Ah, pode deixar comigo que eu vou fazer uma papa de farinha.

Dona Cora – Não! Vou fazer de mucilagem.

Seu Vicente – Mucilagem! Hum... Mal chegaram e já vão comer do bom e do melhor hein! Puxa! Eu nunca comi mucilagem. (Averiguando dentro do balaio) Eu hein! Eles são esquisitinhos mesmo viu. Devem ser parentes dos seres da floresta: Boitatá, Curupira... (Rindo) Olha aquele ali... Parece até o filho do Hulk!

Dona Cora vai até o fogão preparar a comida. Mexe a panela, coloca água e mexe com a colher. Volta e coloca a cuia de madeira sobre a mesa.

Dona Cora – Aqui, está pronto!

Seu Vicente – Já! E quem é que vai dar a comida!

Dona Cora – Ora! O senhor!

Seu Vicente – Eu é! Tá bem. E cadê a colher!

Dona Cora – Eles são muito pequenininhos, tem que ser com a mão.

Seu Vicente – Ah! Vão comer na minha mão! (Rindo) Vamos lá! Vamos fazer uma fila viu. Um por um. Sobe aí você pra comer. Primeiro!!!! (Aparece um bichinho e ataca a comida) Que é isso! Tá esfomeado é! Próximo!!!! (O outro também quase devora sua mão) Viche!!! Nunca comeu não é! Olha, tá muito bagunçado. Fica aí embaixo mesmo que eu levo a comida até aí. Você agora. (Este é mais educado) Hummmm, muito bem! Mais um. Ôpa! Você não, você já comeu que eu vi. Tá querendo furar fila né! Toma você. (Este também ataca) Pronto! Outro. (Este morde seu dedo) Ai, ai, ai... ele mordeu o meu dedo!

Dona Cora – Ô Seu Vicente, foi sem querer.

Seu Vicente – Sem querer né! E eu sei até quem foi. (Os dois olham lá dentro do balaio)

Dona Cora – Foi qual!

Seu Vicente – (Sussurrando) Foi aquele ali ó.

Dona Cora – Qual!

Seu Vicente – Aquele ali verdinho.

Dona Cora – Ahhhhhh!!! Seu Vicente vá chamar Dona Maricotinha que precisamos de ajuda com essas criaturinhas.

Seu Vicente – É pra já! (Sai chamando Dona Maricotinha)

## CENA 03

APARECE DONA MARICOTINHA

Dona Maricotinha – Cora, Cora, minha amiga!  
Bom dia! O que é que está acontecendo?

Dona Cora – Ai Maricotinha! Preciso de sua ajuda. Olha só o que apareceu aqui no meu quintal!. (Mostra os meninos dentro do balaio)

Dona Maricotinha – Minha Nossa! Que bichinhos são esses!?

Dona Cora – Não sei. Nasceram na minha horta e agora tenho que cuidar deles com todo carinho.

Dona Maricotinha – Concordo!

Dona Cora – Mas olha, temos que guardar segredo, eles são muito especiais.

Dona Maricotinha – Ah, está bem. Pode deixar. Eles são tão frágeis. Nossa! Estão tremendo de frio... Já sei: vamos fazer roupinhas para eles. Azuis para os meninos e rosa para as meninas.

Cora Coralina – Boa idéia. Eu vou buscar o tecido

Saem para baixo do balcão. MÚSICA. Aparecem tecidos, uma tesoura cortando e depois uma agulha costurando. Tudo em tamanho gigante. As duas reaparecem já com as roupinhas prontas nas mãos.

Dona Cora (Entregando a primeira roupinha) – Aqui Maricotinha. Veste essa.

Dona Maricotinha (Levando a roupa até dentro do balaio) – Aqui, levanta o bracinho...

Dona Cora (Entregando outra) – Agora essa.

Dona Maricotinha – Agora você. Vamos lá, mais um pouquinho... Pronto!

Dona Cora – Agora, na passarela, modelitos criados por Cora Coralina e Maricotinha dos prazeres!

Dona Maricotinha (Chamando) – Vem, vem você, vem.

Sai um menino vestido de azul de dentro do balaio.

Dona Maricotinha – Agora você. Vem, não precisa ter vergonha!

Sai outro, agora vestido de cor-de-rosa.

AS DUAS – Mas ficaram umas gracinhas! (Sorriem felizes).

Os dois se olham zombando um do outro.

Dona Cora – Pronto pronto! Agora vamos voltar pra dentro do balaio pra não se sujar.

Eles fogem. Maricotinha tenta pegá-los, mas não consegue, até que caem de volta no balaio.

Dona Maricotinha – Nossa! Não consigo pegá-los. Mas como são sapecas.

(Rindo)

De dentro do balaio escuta-se pequenos grunhidos e de lá são lançados vários trapos de tecido azuis e cor-de-rosa.

Cora Coralina – Mas o que é isso!

Dona Maricotinha – (Rindo) Rasgaram tudinho!

Dona Cora – Deu trabalho pra fazer viu!

Dona Maricotinha – Tão peladinhos de novo!  
(Rindo)

Dona Cora (desolada) – E agora? O que vamos fazer!.

Dona Maricotinha – Minha nossa, Cora! Eles estão ficando amarelados!

Dona Cora – Maricotinha, vá chamar o doutor Passos!

Dona Maricotinha – Ah, está bem. (Gritando) Doutor Passos! Doutor Passos!

Dona Cora – Calma viu dodói. O Doutor já está chegando!

## CENA 04

MÚSICA. ENTRA DOUTOR PASSOS

Doutor Passos – Bom dia Dona Cora! Mal pude acreditar na história que me contaram. Vim o mais depressa que pude. Onde estão os pacientes?

Cora Coralina – Aqui dentro do balaio.

Doutor Passos (Olhando lá dentro) – Que maravilha da natureza! Posso pegá-los!

Dona Cora – Com muito cuidado. São muito frágeis!

Doutor Passos (Retira um de dentro do balaio e observa atentamente)

Interessante! A ciência precisa estudá-los! Que maravilha! Tudo neles é verde!

Cora Coralina – Então doutor, é grave?

Doutor Passos – Bem, preciso examiná-los! Vou colocá-lo aqui pertinho da senhora, está bem!

Dona Cora – Está bem doutor.

Doutor Passos – Me conte dona Cora, o que foi que aconteceu!

Dona Cora – Bem, eles apareceram aqui no meu quintal. Eu abriguei, cuidei e fiz uma papinha de mucilagem. Ele comeram, gostaram, mas depois ficaram assim meio borocochô.

Doutor Passos (Grande susto) – Borocochô!!!! Ai meu Deus! Borocochô é muito perigoso.

DOUTOR PASSOS PEGA SUAS ANOTAÇÕES

Doutor Passos – Bem, vamos lá. Vamos fazer primeiro um teste de coordenação motora: Verdinho, abra os braços. Agora feche os braços. Abre, fecha, abre, fecha, fecha, abre.... Muito bem, muito bem. Agora respiração: Menininho, respira fundo. Ôpa, o que

é isso? Murchou. De novo, vai lá. Respira fundo. Ai meu Deus, nem tão fundo assim. Hummm, deixa eu ver essa barriguinha aqui. Está estufada, né?! (Aperta a barriga do menininho que solta um pum). Nossa!!!! Que é isso garoto? Tá feio o negócio, hein?! Dona Cora, o que foi mesmo que a senhora deu pra ele comer!

Dona Cora – Mucilagem.

Doutor Passos – Hummm! Então preciso descobrir se foi isso. Vamos experimentar uma coisa... (Pega algumas folhas em sua maleta e dá para o bichinho experimentar). Come aí menino. (Ele dá uma mordidona). Viche!!! Gostou, né?! Então come mais um bocadinho. (Ele devora o resto). Nossa!!! Pronto, já sei!

Dona Cora, vamos dar comidas verdes pra eles. (Perguntando ao público). O que vocês conhecem que é verde? Brócolis, Alface, agrião, couve, chuchu... Isso mesmo! Pronto dona Cora, dê tudo o que for verde pra eles.

Dona Cora – Ah, doutor! Tudo isso eu tenho aqui no meu quintal.

Doutor Passos – Então, está certo. É só seguir essa recomendação que eles vão ficar bons. Agora que está tudo resolvido, eu já vou. Até logo, minha amiga! Até logo, pessoal! (Sai feliz no ritmo da música).

## CENA 05

Dona Cora – Agora eu vou fazer um doce. Doce de goiaba. (Vai até o fogão, coloca água na panela, meche e prova. Aparece um menininho verde todo faceiro). Ah, você quer um pouquinho, quer? (Ele abre o bocão e ela dá um pouquinho na colher pra ele). Agora eu vou pegar uma rapadura pra adoçar. (Sai).

Logo que ela sai, vão aparecendo outros, um por um e começam uma grande confusão. Pulam de um lado pro outro, gritam, cantam, reviram as panelas, derrubam tudo... Uma tremenda algazarra. Até que dona Cora ouve e reaparece. Eles fogem correndo, deixando tudo revirado.

Dona Cora – Que confusão é essa! Ah Meu Deus, que bagunça! (Triste) Não posso mais viver assim. Tudo revirado. Tenho que ficar o tempo todo com as portas fechadas. E o Seu Vicente não tem tempo mais pra nada!

Seu Vicente (Aparecendo, resmungando) – Dona Cora, socorro! Esses meninos estão revirando tudo lá dentro. Viche!!! Aqui tá pior!!! Ah, assim não dá não. Eu não tenho tempo mais pra nada. A senhora vai fazer criação desses salta-caminhos é?

Dona Cora – Ah, Seu Vicente, não sei mais o que fazer.

Seu Vicente – Ah, mas eu sei: Eu vou pegar esses meninos, colocar tudo dentro de um balaios e na primeira chuva que der, puf, joga tudo dentro do rio.

Dona Cora – Não fale assim homem! Eles vieram pra mim e é um problema que eu tenho que resolver.

Aparece Dona Maricotinha.

Dona Maricotinha – Cora, minha amiga! Eu estava ouvindo você e a gritaria daqueles meninos e tive uma grande idéia: Fale com a mulher do Presidente da República! Ela é uma criatura muito humana, já esteve aqui na cidade, conhece a senhora e pode nos ajudar.

Dona Cora – Boa idéia Maricotinha! Eu vou escrever uma carta a ela.

Dona Maricotinha – E precisamos enviar fotos também.

Seu Vicente – Fotos? Ôpa! Eu quero sair na foto.  
Vou tomar um banho que é pra sair bem cheiroso na foto.  
Dona Maricotinha – Eu vou pegar a câmera.  
Todos vão saindo e comentando.

## CENA 06

O pano da empanada se abre e aparecem projeções: fotos dos meninos verdes comendo, no jardim com D. Cora, com Seu Vicente... Durante as fotos eles comentam em *off*. Depois da última foto, aparece ainda na projeção, um caminhãozinho do governo, como se viesse buscar os meninos.

Seu Vicente (Entrando) – Chegou! Chegou o carro do governo pra buscar esses meninos. Nem acredito que vou me livrar desses pestinhas. (Olhando dentro do balaio). Viche! Olhando assim até que são bonitinhos. Mas quando acordam viram uns diabinhos. (Tenta levantar o balaio, tem dificuldades, até que consegue e solta um pum) Viche! Minha nossa! Agora o trem foi feio. Dona Cora, pega linha e agulha que agora rasgou e sujou foi tudo. (Sai)

### MÚSICA, A VOZ DO BRASIL.

Porta voz da Presidência da República (Em *off*, aparecendo na transparência) –

Num decreto oficial do excelentíssimo Presidente da República, será criada a cidade dos meninos verdes. Um complexo turístico que será mais interessante do que a Disneylândia. E para estudar o fenômeno, foram convidados os maiores cientistas do mundo. Com vocês, a doutora Lucíola Sputnik. E o doutor Wellington Nascimento!

## MÚSICA

Entra uma cientista esquisita, movendo-se ao som da música. Lembra mais um *clown*. Cumprimenta o público. Logo em seguida entra o outro cientista atrapalhado. A partir daí, desenvolvem uma cena ora no palco, ora na platéia, onde procuram os meninos verdes entre o público e em todo o ambiente cênico. Quando encontram enfim, o boneco realizam vários testes para tentar descobrir quem são e de onde vieram. Auscultam o coração, medem seu tamanho, enxergam-no com lentes de aumento, radiografam, fotografam etc. Tudo de forma bem divertida, alegre e com a cumplicidade da platéia. Na verdade lembram dois *clowna* brincando. Por fim desistem, pois não descobrem nada significativo. Saem.

## CENA FINAL

MÚSICA. DONA CORA APARECE TRISTE E ABATIDA.

Dona Cora – A idéia de criar a cidade dos meninos verdes como atração turística não foi aprovada. Cientistas do mundo inteiro estudaram o fenômeno e não chegaram a nenhuma conclusão. Então eles foram considerados como patrimônio universal da ciência. Estão crescendo longe de mim e dando sinais de vitalidade e já estão com 15 centímetros. Ah!!! Meus meninos, meus meninos...

DEBRUÇA-SE SOBRE A MESA E ADORMECE. ALGUNS MENINOS APARECEM, VÃO ATÉ ELA, BEIJAM-NA E TAMBÉM ADORMECEM EM SEUS BRAÇOS. MÚSICA.

Fim

## A INCRÍVEL VIAGEM DE PINGO (2008)

PEÇA INSTITUCIONAL SOBRE MEIO AMBIENTE  
ENCOMENDADA PELA CAESB



Foto: Arquivo pessoal/ Marco Augusto

A incrível viagem de pingo mostra como um pingo d'água viaja pelo mundo, começando pela fonte, passando pelos canos da cidade e voando em uma nuvem no estado gasoso. Durante o espetáculo, os personagens alertam o público sobre a importância do uso racional da água.

### FICHA TÉCNICA

Direção e adaptação..... Marco Augusto

Ator/manipulador ..... Marco Augusto

Atriz/manipuladora..... Lúcia Correia

Iluminação e Sonoplastia..... Gilmar Martins

Tempo do espetáculo: 45 minutos.

Classificação Livre

## A DRAMATURGIA DE A INCRÍVEL VIAGEM DE PINGO

AUTOR MARCO AUGUSTO DE REZENDE

Personagens:

Tubinho

Torneirinha

Pingo

Capitão Tilápia

Repórter H2O

Beto

### CENA 1

Tubinho e Torneirinha – Bom dia!

Tubinho – Tubinho eu sou o Tubinho.

Torneirinha – E eu o Torneirinha.

Tubinho – Estamos aqui para contar a História de uma viagem incrível.

Torneirinha – Vamos contar como a água viaja da nascente até a sua casa.

Tubinho – mas a viagem não acaba em sua casa, depois de ser usada para diversas finalidades, ela sai pelo esgoto e vai para e uma estação de tratamento que devolve a água para a natureza.

Torneirinha – Foi assim que aconteceu com nosso amigo o Pingo.

Tubinho – Já vai começar? Então eu tenho de correr porque a viagem começa pelos tubos.

Torneirinha – Abram os olhos e preparem suas malas com muita imaginação, vai começar a incrível viagem de Pingo (abre a cortina do teatro).

(Cenário representa o fundo do lago descoberto pingo se movimentando procurando uma saída.)

Pingo – A vida aqui no lago é boa, mas eu quero viajar conhecer o mundo, aqui nesse lago já conheço tudo, cada pedra, cada peixe, cada alga. Agora quero conhecer outras coisas, meu pai falou que o conhecimento é fundamental, um lambari me disse que existe até água salgada num lugar que se chama mar, uma tilápia me disse que existe água dura que se chama gelo, um dia caiu uma chuva e os pingos que caíram aqui no lago chegaram cheios de novidade dizendo que já voaram em forma de vapor e moraram uns dias em um lugar chamado nuvem. E eu aqui preso nesse lago.

Capitão Tilápia – (Voz em off) O menino bobo.

Pingo – Eu não sou bobo. Quem está falando? Apareça agora!

Capitão Tilápia – Nossa como ele é valente, parece até uma tempestade num copo d'água.

Pingo – Já perdi a paciência, se você não aparecer eu vou...

Capitão Tilápia -Vai fazer o quê? Vai me molhar ahahah, essa foi boa...

Pingo – Eu vou embora, não vou ficar falando com quem não vejo.

Capitão Tilápia – Tá bom, já que o valentão quer me ver, se prepare (entra um grande peixe) eu sou o Capitão Tilápia o peixe mais velho do lago. Você é tão jovem que não conhece nada da vida. Venha comigo meu amigo vai te lavar para conhecer o mundo. Vamos?!

Pingo – Mas eu tenho que me preparar para a viagem.

Capitão Tilápia – Não precisa, você já está preparado, vamos. (saem)

## CENA 2

Tubinho – Entrem organização, organização, vamos todos para a incrível vigem e conhecer as cidades onde moram milhares de seres humanos que precisam de cada pingo d’água para viver, preparem-se para a incrível viagem.

Capitão Tilápia- Meu amigo tubinho, eu trouxe esse jovem que está pronto para viajar.

Tubinho – Então entre no tubo que vai te lavar para conhecer o ser humano.

Pingo – Eu não quero ir, minha mãe disse que esse tal humano destrói tudo que é vivo, mata os animais, derruba árvores, polui as águas e os ares.

Tubinho – Sim é verdade, mas o homem precisa disso tudo para viver no planeta terra, por isso tem de aprender usar com racionalidade.

Pingo – Racionalidade?

Capitão Tilápia – É usar somente a quantidade que realmente precisa com economia para dar o tempo para a natureza repor e renovar tudo.

Tubinho – Muitas pessoas já colaboram com a vida na terra, plantando árvores, reciclando materiais, mantendo seu lugar limpo e economizado água e energia.

Capitão Tilápia – Mas muitos não ajudam.

Tubinho – Mas muitos ajudam.

Capitão Tilápia – Mas muitos não ajudam.

(Entra um ator repórter em cena.)

Repórter H2O – Parem tudo! Essa viagem não pode continuar antes de saber se as pessoas estão ou não estão ajudando a proteger o planeta.(entrevista alguns alunos)

Bom dia! Eu sou o repórter H2O e quero saber o que você faz para ajudar a vida no planeta Terra? Agora que sabemos que muitos ajudam, podemos dar seguimento à nossa história.

Vamos, siga a viagem para ajudar os seres humanos a cuidar do planeta. Leve nossa mensagem, sabendo usar nunca vai faltar.

Pingo – Então eu vou, adeus capitão, adeus Tubinho.

Tubinho – Adeus nada eu vou acompanhá-lo até a torneira. (entram no tubo) Fique tranquilo aqui no DF é muito raro o vazamento de água na rede pública.

### CENA 3

Pingo – Oba Já chegamos!

Tubinho – Ainda não, é só uma parada na estação.

Pingo – Mas eu quero continuar a viagem

Tubinho – Calma, além disso, você precisa ser tratado se você e for bebido por alguém via levar flúor para proteger os dentes e estará limpinho para evitar cárie e doenças. (no teatro de sombras ele passa por todo processo de tratamento de água)

Tubinho – Pronto agora você faz parte da melhor água do Brasil e vai seguir viagem.

(entra no tubo e chega na torneira)

Pingo – Por que parou?

#### CENA 4

Torneirinha – Agora você vai, agora não vai, espere que estou fechado.

Pingo – Então abre que eu quero sair.

Torneirinha – Calma, nunca vi um pingo tão apressado para sair, não sou eu que me abro, são os humanos que me abrem e quando isso acontecer você vai embora, vai lavar uma roupa.

Pingo – Lavar roupa ?

Torneirinha – É claro, eu sou uma torneira de tanque, se eu fosse uma torneira de pia de cozinha você iria lavar louça ou para a panela para cozinhar alimentos ou para o filtro pra ser bebido.

Pingo – Para isso eu já estou preparado já recebi flúor lá na estação de tratamento.

Torneirinha – Meu primo o Torneirildo é torneira de pia de banheiro, ele me disse que lá é onde acontece o maior desperdício de água o Juca, por exemplo, quando escova os dentes deixa a torneira aberta direto, não precisa, é só abrir a torneira na hora de enxaguar a boca. O mesmo desperdício acontece na hora banho o João chuveirão não aguenta ficar aberto o tempo todo, enquanto está se ensaboando o chuveiro deve ficar fechado. Opa, estou sendo aberto, lá vai, tchau pingo...

Pingo – Lá vou eu, tchau torneirinha. (cai dentro de um aquário). Que lugar esquisito.

## CENA 5

Beto – Quem está aí?

Pingo – Eu.

Beto – Eu quem ?

Pingo – Eu o Pingo. E você quem é?

Beto – Eu sou o Beto.

Pingo – Pode sair.

Beto – Eu tô com vergonha.

Pingo – Vergonha de quê?

Beto – É porque eu vivo sozinho aqui neste aquário.

Pingo – Não precisa ter vergonha eu sou água.

Beto – Tá bom, então eu saio. (o peixe sai de trás de uma alga e de repente aparece um gato) Cuidado, se esconde!

Pingo – Esconder por quê?

Beto – Olha o gato aí.

(o gato ameaçador espreita o aquário)

Pingo – Fica tranquilo gato morre de medo de água.

Beto – Lá vem ele, socorro!

Pingo – Calma já sei o que fazer, vamos agitar a água do aquário, sacode Beto (o gato ataca e pingo salta do aquário e cai sobre o gato que pula e sacode) Seguuura peão!

Você tem medo de água valentão, vamos lá sacode, sacode (o gato sacode e pingo pula do gato de volta para o aquário, o felino foge apavorado)

Pingo – E não volte mais aqui!

Beto – Obrigado, quanta coragem.

Pingo – Não foi nada, só quis ajudar meu novo amigo.

Beto – Acho que ta na hora da ração.

(Entra o menino)

Pingo – Chegou o campeão.

Juca – Eu campeão? Sou mesmo, sou campeão de futebol de bola de gude de *videogame*.

Pingo – Não é isso, é campeão de desperdício!

Juca – Pare de brincadeira, quem ta aí?

Beto – Seu pai é que não está gostando desse título de campeão a conta de água vem muito alta por causa do seu desperdício.

Juca – Pare com essa brincadeira, apareça logo.

Pingo – Aqui dentro do aquário.

Juca – Beto você ta falando?

Pingo – Ele também fala, mas agora quem fala sou eu.

Juca – Eu quem?

Pingo – O pingo d'água.

Juca – Água fala?

Pingo – Falo sim. Então você é o desperdiçador da casa. Você sabia que na conta de água de sua casa, seu pai paga pela água que sai pela torneira e também pela água que vai para o esgoto. Isso é porque dá um trabalhão para a CAESB tratar o esgoto e devolver a água para a natureza. Eu vou ficar aqui no aquário por alguns dias e depois eu sigo viagem.

(Entra o repórter H<sub>2</sub>O e entrevista alguns alunos)

Repórter H<sub>2</sub>O – Essa é uma informação muito importante e todos devem saber, você sabia que na conta de água nós pagamos também pela água que vai pelo esgoto.

Você sabe o trabalho que dá para devolver a água limpa para a natureza?

Isso é o que veremos agora na incrível viagem de pingo. Viaja pingo! Porque água não pode ficar parada, água parada pode virar criadouro para o mosquito da dengue. Vamos seguindo viagem pelo esgoto.

Beto – Você vai embora pelo ralo?

Pingo – Seu aquário vai ser lavado e eu vou embora, adeus amigo.

Juca – Com o dinheiro que economizamos, evitando o desperdício eu vou comprar um aquário maior com mais peixes eu sei que nenhum animal gosta de viver solitário e preso, mas agora você terá mais espaço e novos amigos.

(O menino joga pingo pelo ralo)

## CENA 6

Tubinho – Agora vamos passar pela parte mais difícil da viagem.

(No teatro de sombras e passará pelos estágios de tratamento de esgoto)

Tubinho – Primeiro passaremos pela caixa de gordura que separa a gordura e sabão da água. Vamos para a caixa de inspeção onde o esgoto de cozinha encontra o esgoto do banheiro. Vamos para rua, rumo à estação. Pára! O esgoto está entupido, Vai estourar!

Puxa vida! Alguém jogou um fralda descartável na rede, agora toda vizinhança vai sofrer com a sujeira e o mau cheiro, não pode jogar nada sólido no esgoto, agora vamos esperar que a CAESB está chegando para resolver a situação (entra um carrinho da CAESB e retira a fralda)

Pingo- Agora vamos lá!  
Tubinho – chegamos na estação.  
O primeiro tanque é ...  
O segundo faz...  
Terceiro...

(Entra o repórter H2O)

Repórter H2O – Agora pingo está sendo devolvido limpo para a natureza.

Ele conseguiu, foi devolvido são e salvo para a natureza lá no ribeirão... essa viagem não acaba nunca, pingo conheceu o mar voou no estado gasoso e chegou aqui na escola

(entra uma nuvem)

**Fim**

## A PRINCESA DE BAMBULUÁ (2008)

CRIAÇÃO BASEADA EM CONTO RECOLHIDO POR  
LUIS DA CÂMARA CASCUDO



Um conto popular que fala dos desencontros amorosos entre João e a Princesa, quando todas as forças naturais e sobrenaturais conspiram contra o reencontro dos enamorados. Cultivado e construído pela oralidade popular, o conto “A Princesa de Bambuluá” foi recolhido por Luís da Câmara Cascudo no Rio Grande do Norte e narrado por Francisco Idelfonso, conhecido como Chico Preto. Foi publicado no livro “Contos Tradicionais do Brasil” e é classificado como um conto de encantamento onde o mágico, o sobrenatural e o mal agouro estão presentes na narrativa. Tais elementos são componentes

de extrema riqueza para a composição de uma dramaturgia criativa para o teatro de bonecos, possibilitando contar uma história rica em metáforas e simbolismo. Uma aventura fantástica com personagens expressivos e marcantes. Segundo Câmara Cascudo, reúne elementos de vários contos europeus, numa sequência de episódios populares. O narrador analfabeto, um negro, contou-a muitas vezes sem colaboração.

O espetáculo conta com um elenco de sete bonequeiros que dão vida a vinte bonecos que contam a estória da Princesa de Bambuluá com a técnica de manipulação direta. Dois músicos executam a sonoplastia ao vivo ao som de rabeça, zabumba, pife, viola e outros instrumentos de percussão. A concepção da montagem ambienta a primeira parte da história do Sertão Brasileiro com seus arquétipos, relacionando-os com os reis, rainhas e princesas de nossa raiz ibérica de onde herdamos grande parte de nossos contos populares. O continente europeu é representado na peça como o longínquo reino de Bambuluá para onde João parte voando nas asas de um urubu ao encontro de sua amada.

#### FICHA TÉCNICA

Direção ..... Marco Augusto  
 João ..... Marco Augusto  
 Princesa e Zoroastra ..... Jullya Graciela  
 Príncipe/Imperador dos Pássaros e Rei .... Ravel Mesquita  
 Professora, Rainha e Cozinheira ..... Lúcia Corrêa  
 Rei dos Pássaros, Urubu e Conde ... João Henrique Veloso  
 Música ao vivo e Efeitos Sonoros ... Robson Siqueira e  
 ..... Leo Siqueira  
 Duração: 50 minutos

## CURRÍCULO DE A PRINCESA DE BAMBULUÁ

- Estréia junho de 2008.
- Prêmio Miriam Muniz Funarte Petrobras com o espetáculo- 2007.
- Projeto de montagem aprovado pelo FAC/DF-Fundo de Apoio à Cultura do DF- 2007.
- 10°. Festival Internacional de Teatro de Bonecos de Brasília – 2008.
- 36°. FENATA -Festival Nacional de Teatro Ponta Grossa (PR) – 2008.
- 3°. Festival Banco do Nordeste de Artes Cênicas – 2009, com apresentações em Fortaleza e Juazeiro do Norte (CE) e Souza (PB).
- Selecionado pelo FAC- Fundo da Arte e Cultura do DF, na categoria manutenção de grupos teatrais-2009.
- Selecionado a participar do 10°. Festival Internacional de Teatro de Bonecos de Belo Horizonte (MG)
- Selecionado a participar Mostra Sesi de Teatro de Bonecos e Formas Animadas (SP) – 2009.
- Mostra de Repertório 27 e 28/08 – Teatro Galpãozinho (GAMA/DF) – 2011
- II Festival Internacional de Teatro de Bonecos de Paracatu (MG) -2011.

## A DRAMATURGIA DE A PRINCESA DE BAMBULUÁ

ADAPTAÇÃO PARA TEATRO DE BONECOS:  
MARCO AUGUSTO DE REZENDE

### CENA I

João entra, ouve os sons da noite, percebe um banco, senta e toca sua rabeça. Aparece a cabeça da Princesa./ some/ quando ela aparece, fala:

Princesa – Quem quer desencantar a princesa de Bambuluá? Você é capaz de desencantar a princesa de Bambuluá? (João se assusta e cai. A cabeça da princesa aproxima-se de João) Não tenha medo, sou uma princesa, estou encantada nessa caverna, você pode me ajudar?

João – Eu até gostaria de ajudar, mais estou tão cansado e com uma baita fome.

Princesa – Isso não é problema.

(Entra uma rede, onde ele deita e também frutas lhes são oferecidas)

João – Eeh vidão! ( pausa) E para beber não tem nada?

Princesa – Cavalheiro, ainda não sei o seu nome.

João – João.

João – Ê vida boa! Comida... Bebida...

Princesa – Então João, já descansou?

João – Já descansei, mais se eu puder ficar aqui mais três dias. (João cai da rede) Então o que tenho que fazer para te ajudar.

Princesa – Nada, absolutamente nada, haja o que houver não faça nada.

João – É! Barriga cheia, descansado e não fazer nada...

Entra o primeiro vulto e derruba João, que cai e levanta para reagir.

Voz da princesa – Não reaja! Não faça nada, João apanha e aparece acolhido nos braços da princesa).

João – Que mãos macias. (Gemendo) Já posso ir embora então, já está desencantada.

Princesa – Não, espere falta o resto.

João – Ahh, não!

(Passam mais dois vultos e surram João, João cai no meio do palco e a princesa vai ao encontro dele).

João – Está inteirinha, mãos, pés, braços. Nossa, você é linda!

Princesa – E você é um bravo cavaleiro. Me desencantou. Será meu príncipe.

João – Príncipe, eu?!

João – João, príncipe de Bambulúá...

(Aproximam-se para o beijo, mais são interrompidos com o som das trombetas reais)

Princesa – Meu reino, tenho que voltar. Vamos você tem muito que aprender.

## CENA II

(Entra a Professora falando a língua dos pássaros, Princesa entra em seguida com João)

Professora – Princesa, você está desencantada.

Princesa – Olá professora, e eís aqui o bravo cavaleiro que me desencantou. Ele será meu príncipe.

Professora – Esse amarelinho aí. Já sei, quer que o ensine tudo, pode deixar que o deixarei pronto para ser seu príncipe.

Princesa – Isso e ensine principalmente a língua dos pássaros.

Professora – É minha especialidade!

(Aproximam-se novamente para o beijo, mais as trombetas reais os impedem, princesa caminha para o navio, mas volta)

Princesa – João, preciso ir, mas antes deixarei contigo dois fios dos meus cabelos encantados. (Princesa embarca) Adeus, João. Adeus, professora. João daqui a um ano volto para te buscar.

Professora – Muito bem, agora é comigo, você tem muito o que aprender, vamos começar agora mesmo. Onde está meu livro? Ah, sim. Bem, abra na página tal e repita comigo. (Sai falando a língua dos pássaros)

### CENA III

(Entra João e a filha da professora. Se envolvem com um pássaro que voa de mão em mão.)

Professora – (interrompe) Lindo, esplêndido. João, você aprendeu tudo.

João – Zoroastra me ajudou muito.

Professora – Minha filha é esplêndida! Hoje é o grande dia em que a princesa retornará.

João – Hoje. Mas que saudades!

Zoroastra – Mas já?

Professora – João, vá se preparar para o reencontro.  
(João sai)

Zoroastra – Então é hoje que ele vai embora. Mais ele não pode ir, estou tão apaixonada por ele.

Professora – (Mãe consola a filha) Não se preocupe, já sei o que fazer.

Zoroastra – Sabe?

(As duas saem. Professora reaparece fazendo a magia. No final, chama João)

Professora – Para comemorar a vinda da princesa, vamos brindar.

(João bebe e cai alucinado, tonto)

## CENA IV

(Entra barco e a princesa)

Professora – (Saúda princesa) Alteza seja bem vinda.

Princesa – Olá professora, onde está meu João?

Professora – (Mostra João caído e bêbado) – Veja você mesma.

Princesa – Mas o que aconteceu? Acorde João, acorde.

Professora – Lamento muito, mas João é uma decepção. Ele sai todas as noites, é um mulherengo, é um beberrão, o pior de tudo, não aprendeu nada.

Princesa – Sim, você é um burro. Acorda e me de explicações. (Princesa sai decepcionada). Se essa rua, se essa rua fosse minha, eu mandava eu mandava ladrilhar, com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante...

Princesa aproxima-se de João, que a deixa assustada. João, tonto, decepciona a princesa.

Cai novamente. A princesa sai desolada e triste, não fala nada, embarca e chora

Professora – Acorda João!

João – (Acordando ainda tonto) E a Princesa?

Professora – Ela não veio, mandou apenas um mensageiro, avisando que vai casar com o Conde *de La Celier*.

João – Conde, depois de tudo o que passei por ela. Até hoje sinto as pancadas dos encapuzados.

Professora – Ela é mesmo uma ingrata.

João – Eu vou para Bambuluá.

Professora – Volte, ninguém sabe onde fica o reino de Bambuluá. Não dou um minuto pra ela voltar.

João – Voltei! Voltei por ela, onde ela está?

Professora – Filhinha, ele voltou por você.

João – Não, voltei por minha rabeça. (Sai)

Professora – Ah! Ele não vai encontrar mesmo, logo voltará e se casará com minha filhinha. (Sai chamando a filha).

## CENA V

João atravessa o palco a caminho de Bambuluá. Avista uma casinha de João de Barro.

João – Ôô de casa! Tô entrando!

Príncipe dos pássaros – (Ataca João) Quem ousa invadir o meu Palácio?

João – Palácio? Este Casebre!

Príncipe dos pássaros – Seu moleque mais respeito. Eu sou o Príncipe dos Pássaros. Evocê quem é?

João – Eu sou João.

Príncipe dos pássaros – E o que procura nos meus domínios?

João – Procuo o Reino de Bambuluá.

Príncipe dos pássaros – Reino de Bambuzal!  
Nunca ouvi falar!

João – Não, Bambuluá!

Príncipe dos pássaros – Também nunca ouvir falar, mas fique tranquilo, logo saberá, chamarei meus súditos.

João – Súditos! Aqui!

Príncipe dos pássaros – Observe... (Começa a tocar seu tambor, chega toda a passurada)

Príncipe dos pássaros – Meus fiéis súditos, alguém sabe onde fica o Reino Bambuzal?

João – É Bambuluá.

Príncipe dos pássaros – Isso. Bambuluá. (Pássaros respondem)

João – Ninguém sabe.

Príncipe dos pássaros – Você entende a língua dos pássaros?

João – Sim... Conheço!

Príncipe dos pássaros – Meu pai, o Rei dos Pássaros deve saber.

João – E como chego até ele?

Príncipe dos pássaros – Siga o vento, siga o vento...

Aparece uma peninha voando e ele a segue. O Príncipe dos Pássaros sai. A pena cruza o palco do lado oposto. Aparecem galhos e João que vai subindo neles.

## CENA VI

(Aparece o Rei dos Pássaros conversando com as araras.

Rei dos Pássaros – Ei! Você não é uma arara. (João se desequilibra, os galhos somem e ele cai).

Rei dos Pássaros – Quem é você?

João – Eu sou João. E o senhor, quem é?

Rei dos Pássaros – Eu sou (meio esquecido) Eu sou o Rei dos Pássaros.

João – É o senhor mesmo que procuro.

Rei dos Pássaros – Mas eu não estou perdido.

João – Não, eu procuro o Reino de Bambuluá.

Rei dos Pássaros – Espere, espere! Você está me procurando ou procurando o Reino de Bambulá?

João – Então deixe explicar melhor. Eu sou João e seu filho...

Rei dos Pássaros – Meu filho! Quanto tempo!

João – Não, seu filho, o príncipe dos pássaros...

Rei dos Pássaros – Claro, se eu sou o rei, meu filho é o príncipe...

João – Pois é! Ele disse que o senhor saberia dizer onde fica o Reino de Bambuluá.

Rei dos Pássaros – Aqui não é Bambuluá.

João – Eu sei! Ah! Isso não vai me levar a nada, muito menos a Bambuluá. (Vai saindo)

Rei dos Pássaros – Espere. Volte aqui! Um dos meus súditos pode saber!

(Toca a flauta, aparece todo tipo e espécie de pássaros)

Rei dos Pássaros – Meus súditos! Eu estou aqui com meu amigo, o..... Como é mesmo seu nome?

João – João.

Rei dos Pássaros – Isso, João! E ele quer saber onde, fica o que mesmo?

João – O Reino de Bambuluá.

Rei dos Pássaros – Onde fica o Reino de Bambuluá. Não, não ninguém sabe...

João – É, ninguém sabe. (Vai saindo)

Rei dos Pássaros – Espere! Com certeza meu pai sabe.

João – Seu pai?

Rei dos Pássaros – Sim, O Imperador dos pássaros.

João – E como eu faço para encontrá-lo?

Rei dos Pássaros – Siga o vento, siga o vento...

Sopra uma peninha e João a segue. Rei dos Pássaros sai falando com as araras.

## CENA VII

João aparece e avista uma cabana.

João – Ai, ai, ai. Não sei não, se o príncipe dos pássaros já era velho, o rei estava gagá, o imperador então deve ter morrido.

Imperador dos pássaros – Morri nada. (Aparecendo de repente)

João – O senhor é o imperador dos pássaros.

Imperador dos pássaros – Sou, e você quem é?

João – Eu sou João e estou à procura de reino de Bambuluá.

Imperador dos pássaros – Reino do que?

João – Reino de Bambuluá! O senhor sabe onde fica?  
Imperador dos pássaros – Já ouvi falar, mais não sei onde fica, mas meus súditos saberão.

(Imperador dos pássaros toca um apito, aparecem os urubus)

Imperador dos pássaros – Meus súditos, alguém sabe onde fica o reino de Bambuluá?

Urubu velho – Saiba o meu imperador que o reinado de Bambuluá era onde ficavam os meus pastos. Fui muito lá. Fica depois do Inferno. Passa-se por cima, na quentura do fogo do diabo. Logo na descida está uma campina que olhos maus não podem ver, cheia de palácios bonitos, com muita gente agradável. É aí o reinado de Bambuluá.

João – E como faço para chegar até lá?

Imperador dos pássaros – Primeiro traga um boi de cinco eras.

(João sai a procura do boi, o velho adormece)

Imperador dos pássaros – (cantando adormece)

Boi, boi, boi.....

(João volta arrastando o boi)

João – (percebe o velho) Ué! Morreu? (Balança a cabeça até que o velho reaparece)

Imperador dos pássaros – Morri nada!

João – Aqui está o boi. E agora?

Imperador dos pássaros – Espere e veja.

(O Urubu sobe no boi e o devora. Ele se torna forte e robusto)

Imperador dos pássaros – Monte João!

João – Eu?! Montar no Urubu?

Imperador dos pássaros – João! Segura!

(Os dois viajam por vários caminhos estranhos)

## CENA VIII

Música. Cacuriá.

Velha cozinheira entra varrendo, João entra e se atropalham

João – Hei! Bom dia, será que a senhora poderia me dar um pouco de comida, vim de uma longa viagem.

Velha cozinheira – Oh! No momento não, já fui cozinheira do rei, mas hoje estou aposentada. Agora quem traz são os empregados do rei. É só esperar.

Velha cozinheira – Isso aí nas suas costas é uma rabeca.

João – É sim, a senhora gosta de música, quer que eu toque um pouco?

Velha cozinheira – Sim.

(João vai afinar a rabeca e as cordas quebram)

João – Onde vou arrumar cordas para minha rabeca aqui? (Ele lembra dos fios de cabelo da Princesa)

João – Agora sim. (Começa a tocar a rabeca, a velha começa a dançar, primeiro o pé, braços, requebra tudo).

A Velha percebe os visitantes, vão chegando os empregados do rei. (Bonecos de luva atrás da empanada, no castelo).

Rei – Não é possível, amanhã é o casamento de minha filha e não tem ninguém no meu palácio. (Percebe a música e gosta). Êta música boa, toca aí moço.

Rei – Oh! Música boa. Atenção, atenção! Amanhã é o casamento de minha filha, e você, seu músico, está intimado a tocar na celebração.

(João vai para o centro do palco e toca a rabeca. A Princesa aparece no alto, na janela.).

Princesa – É João!

## CENA IX

João vai até o canto do balcão e toca a marcha nupcial. Desenrola-se um tapete vermelho.

Entram os noivos, param no centro. A princesa olha para João, ele olha para ela, ela aproxima-se dele e o conde os interrompe.

Conde – Princesa.

Princesa – Senhor Conde, me perdoe, mas não vou me casar com o senhor.

Conde – Mas isso é um absurdo!

Princesa – Eis aqui João, meu antigo noivo, que sofreu por mim os maus tratos, vindo até aqui só para ver-me.

Conde – Nunca fui tão humilhado!

Princesa – Re, meu pai, Rainha, minha mãe, meus senhores e senhoras! Se eu perdesse a chave da minha mala e mandasse comprar outra, e, antes de servir-me da nova encontrasse a velha, que deveria fazer?

Rainha – Use a velha, Princesa, não se deixam amores velhos pelos novos.

Conde – Ai! Meus sais. (Sai)

(A Princesa e João aproximam-se e se beijam)

João – Agora sim! João, Príncipe de Bambuluá!

João e Princesa – Festa!

(Música, festa)

Fim

## FAMÍLIA BRASÍLIA (2009)



Criação coletiva sobre o aniversário de Brasília

Dois personagens (bonecos), Brasilindo e Brasilinda, vindos do Ceará, desembarcam de avião em Brasília. O objetivo da viagem é reencontrar seus parentes que deixaram suas origens, acreditando que aqui teriam mais oportunidades de uma vida melhor. Querem entender por que seus parentes nunca voltaram e o que existe de tão especial neste lugar.

O espetáculo segue emocionante, atraente e muito divertido, pois acontece como um jogo de dados com a participação das crianças sobre uma grande colcha de retalhos em formato de avião, retratando a cidade. Ali acontece o passeio. Guiado por uma trilha sonora ao vivo, o espetáculo conta a história de Brasília, passando por pontos turísticos, a mistura de culturas,

a efervescência artística e todas as belezas da nossa capital.

**FICHA TÉCNICA**

Direção e manipulação de bonecos..... Marco Augusto

Atriz ..... Lucia Corrêa

Operação de som ..... Gilmar Martins.

40 minutos

## NOSSE DA VINCI (2010)

ESPETÁCULO ADULTO BASEADO NA VIDA DE  
LEONARDO DA VINCI



Um sábio, um gênio, um homem à frente de seu tempo. A curiosidade foi uma constante em sua vida, como uma febre que o devorava e o levava a ocupar-se de todos os temas, em uma viagem de busca, estudo e experimentação.

Tal síntese única de arte, ciência e tecnologia foi o mote para a pesquisa de uma dramaturgia criativa para teatro de bonecos, que nos envolve em toda a complexidade da vida e obra de um símbolo do Renascimento. O Espetáculo “Nosso Da Vinci” é o

primeiro espetáculo adulto da Companhia Voar Teatro de Bonecos, com sua visão própria de um dia na vida deste homem. Cenário, bonecos, adereços e sonoplastia procuram retratar um ambiente inusitado com bom humor.

### **FICHA TÉCNICA**

Direção ..... Marco Augusto de Rezende  
Dramaturgia ..... Laércio Niculao  
Produção ..... Maísa Angélica  
Cenografia ..... Onildo Júnior  
Sonoplastia ..... Robson Siqueira  
Iluminação ..... Gilderlei Menezes  
Confecção de Bonecos ..... Wesley Barbosa  
Interpretação ..... Lúcia Corrêa  
Manipulação ..... Alessandra Barros,  
Wesley Barbosa, Lúcia Corrêa e Laércio Niculao  
40 minutos

## A DRAMATURGIA DE NOSSO DA VINCI

Os componentes realizaram estudos sobre a obra de Da Vinci e optaram em confrontar o universo de criação do italiano com o processo de construção da obra do grupo, refletindo, assim, sobre a condição do homem criador e de sua obra. As cenas foram elaboradas pautadas apenas pelas ações do boneco -que representa o artista- e as criaturas que rodeiam sua cabeça num misto entre sonho e realidade. Construída totalmente na base de improviso o texto dramático é assinado por um dramaturgo que catalisou as idéias de todos os componentes, sendo assim uma obra do grupo.

### ROTEIRO CÊNICO DO ESPETÁCULO NOSSO DA VINCI

1. (Entra Leonardo da Vinci entediado, cabisbaixo vai até um cavalete de pintura. Tenta desenhar algo e nada sai. Bate com a mão na cabeça desenha novamente. Mostra ao público o desenho infantil de uma casinha com chaminé. Espreme a cabeça como se quisesse ter uma idéia, num estalo desenha o corpinho de uma pessoa em palitinho (ou outro desenho infantil). Desolado desiste do desenho, olha para uma bancada, vai até ela e descobre um monte de barro e começa a mexer nele de forma displicente. Faz uma bolinha de barro, a observa e, entediado, resolve se deitar numa cama ao fundo e dormir.

2. (A bolinha cria vida e começa a se movimentar de forma desconexa e desajustada, observa tudo ao redor, vê o cavalete e vai para detrás dele).

3. (Da Vinci acorda e resolve voltar ao desenho, faz dois círculos e uma peça que lembra um quadro de bicicleta, se entedia com o desenho, boceja, cobre o desenho com um tecido, volta a se deitar, rola na cama um pouco até se aquietar).

4. (O boneco de barro surge por trás do cavalete, descobre o desenho no cavalete mostra o desenho da bicicleta, analisa-o, olha para o público, cobre-o com o tecido. Se vê o tecido movendo, uma corda é atirada do cavalete para um armário no lado oposto do balcão, o boneco se equilibrando na corda com a bicicleta atravessa o balcão até o armário).

5. (No armário ele observa vários objetos e resolve pegar dois bicos de pena. Experimenta as asas, começa a esboçar um vôo. Alça vôo sobrevoa o atelier, sobrevoa a bancada com a argila, sobrevoa o cavalete, voa próximo ao armário, vai até o cavalete e pousa sobre ele derrubando-o).

6. (Da Vinci acorda assustado, olha tudo ao redor procurando de onde vem o barulho, vê o cavalete no chão, vai até ele, levanta-o, descobre o tecido e vê a marca da bicicleta recortada, olha para o público e intrigado pega uma ratoeira. Arma a ratoeira perto do cavalete, olha ao redor e volta a se deitar).

7. (O boneco volta para o monte de argila e começa a moldar algumas formas. Aos poucos vai surgindo a forma de um pássaro. O boneco dá vida ao pássaro e eles brincam. O pássaro voa timidamente pelo atelier até tomar segurança e voar de maneira mais livre sendo observado pelo boneco. O pássaro voa sobre o boneco de defeca em sua cabeça. O boneco enfurecido pega um pedaço de barro e joga no pássaro, eles começam

a guerrear pelo atelier, o pássaro pousa sobre Da Vinci retira seu lençol, o boneco consegue acertá-lo Leonardo acorda assustado, o pássaro cai no chão do atelier e o boneco se esconde).

8. (Da Vinci assustado vê o pássaro no chão e cautelosamente se aproxima, observa-o atentamente, pega uma ferramenta e começa a dissecar o pássaro, retira órgão por órgão e mostra-os ao público. A luz vai morrendo do balcão).

9. (Aparecem projeções em uma tela com vários experimentos, esboços, estudos e máquinas de voar pensadas e projetadas por Leonardo Da Vinci).

10. (a luz volta para o balcão e Da Vinci tenta alçar vôo. Do chão salta para um banco, depois para a bancada e vai saindo do atelier experimentando o vôo. De fora ouve-se barulho de uma queda e um grito de dor).

11. (O boneco volta, vê o pássaro e dá-lhe vida. O pássaro sobrevoa o boneco defeca sobre sua cabeça e sai. O boneco cria um a maquina de voar, helicóptero e começa a voar, se dirige até o armário).

12. (Da Vinci volta com duas asas embaixo dos braços, escala o armário e do alto veste as asas. Tenta alçar vôo no atelier e cai com o rosto sobre a argila. Se enfurece com sua trapalhada, se limpa).

13. (Pega uma botija de vinho no armário, um pedaço de pão e se posiciona para comer. Percebe a pose que fez e resolve desenhar no cavalete. Rabisca na tela, analisa o desenho, rabisca novamente e na medida em que vai desenhando os personagens, bonecos de barro se materializam formando a imagem do quadro A SANTA CEIA. Leonardo vira a tela para o público, está um esboço do quadro a santa ceia )

14. (Os bonecos de barro vêm a comida e avançam sobre ela causando uma grande confusão, brigam pela comida)

15. (Leonardo se vira para a mesa, os bonecos o percebem e se escondem. Ele chega próximo a comida e vê que ela está suja de barro, desiste de comer e retira a mesa).

16. (Os bonecos voltam e começam uma pequena guerra, Leonardo percebe a presença deles e os observa, na medida que vão guerreando, Leonardo vai os instrumentalizando com pequenas ferramentas de guerra, capacetes, catapultas, canhões entre outros).

17. (A cena de guerra ganha projeção, com sons e imagens de guerra, foge do controle dentro do atelier, Leonardo desesperado pega todo o barro e amontoa-o num monte só, respirando fundo de alívio).

18. (Leonardo angustiado com o que viu começa a amassar o barro, retira pedaços, os junta e numa ação compenetrada inicia a modelagem de uma cabeça, analisa a modelagem e quando a vira para o público se percebe que é seu auto-retrato. Projeção de esboços e auto-retratos de Leonardo da Vinci na tela).E

ESTA CENA PODE SER PENSADA COM AS IMAGENS DO GROTESCO PRODUZIDAS POR DA VINCI.

## SHAKESPEARE DE PAPEL (2011)



A peça é uma adaptação do texto “Sonhos de Uma Noite de Verão”, de Shakespeare, a peça é ambientada na Grécia mítica e conta-nos a história de seres élficos e personagens mitológicos em encontros e desencontros amorosos, descrevendo a magia e a realidade em uma só dimensão.

Para contar a história, a companhia utiliza uma técnica pouco difundida no Brasil, o Teatro de Papel ou Teatro de Brinquedo, que consiste em animar figuras de papel, em um ambiente teatral em miniatura, no qual duas fadas são condutoras do enredo que acontece às vésperas do casamento do herói, Teseu, com Hipólita, a rainha das amazonas.

### FICHA TÉCNICA

Operação de som ..... Gilmar Martins  
Manipulação de bonecos..... Marco Augusto  
Atrizes..... Delmira Menezes e Mônica Giseuda  
40 minutos

## ADIVINHA, ADIVINHÃO (2015)

ADAPTAÇÃO DE CONTO POPULAR TRADICIONAL



Foto de Toni Guedes

Bonecos, cordel e repente contam causos populares. O espetáculo consiste em uma adaptação de um conto popular de Pedro Malasartes. A história mostra ao público o dia em que ele foi oferecer seus serviços de adivinho na fazenda do coronel Bocalarga e desvenda o mistério do sumiço das joias preciosas. A montagem utiliza a técnica de bonecos de luva e a narrativa é inspirada na cultura popular do nordeste.

### FICHA TÉCNICA

Operação de som ..... Gilmar Martins  
Manipulação de bonecos..... Mônica Giseuda e  
..... Marco Augusto  
40 minutos

## TRAMÓIAS PRA ENGANAR A MORTE (2016)

### ADAPTAÇÃO DE CONTO POPULAR TRADICIONAL



Tabu na sociedade, a “morte’ é abordada de maneira bem humorada. A peça “Tramoias Pra Enganar a Morte” conta as peripécias de um velhinho muito sabido, que usa experiência e sabedoria para se livrar do julgamento final. O espetáculo mistura o fantástico, o divino e a astúcia em sua narrativa.

A dramaturgia recorre aos contos populares que apresentam várias versões de personagens que utilizam artifícios criativos para enganar a morte e ganhar alguns anos de vida a mais ou até a imortalidade. É um trabalho criado para ser levado à rua, utilizando uma estrutura de encenação simplificada com triciclos que fazem

alusão às carroças e a linguagem popular da commèdia dell'arte, além de compor o cenário. Por possuir esta estrutura, pode chegar a qualquer lugar com facilidade e ser levado aos pátios de escolas, salões e praças públicas, espaços urbanos carentes destas atividades.

### **FICHA TÉCNICA**

Diretor e bonequeiro ..... Marco Augusto  
Atriz ..... Lúcia Corrêa  
Musicista ..... Chrys Prereira  
Operador de som ..... Gilmar Martins  
40 minutos



# Cinco

## As viagens

**V**iajar e poder trocar experiências. A Voar já se apresentou em todas as regiões do país, levando as suas propostas e conhecendo o fazer artístico por onde passa. E, de maneira natural também foram convidados e já participaram, entre outros, do Festival MITSOL (Espanha), dos Festivais de Reinosa e de Monigotes (ambos no México) e no Festival Títeres Aventuroiros (Chile).

“Sempre que rompemos as barreiras de nosso país, o fazemos buscando conhecer o que é produzido por lá, como que a população interage com as formas animadas, como são as formas de financiamento desses eventos e quais as dificuldades que os organizadores enfrentam. Afinal, o que nos move nessa troca é a aprendizagem, o crescimento. É constatar como o teatro de bonecos deixa algo bom na memória das pessoas. Não raro, quando retornamos a um lugar para novas apresentações, há os que ainda se lembram de uma fala, de uma cena”, pontua Marco Augusto.

É perceptível a emoção de quando o artista percebe o brilho no rosto das pessoas, nas feições, na interação durante cada espetáculo. Ele mergulha na satisfação de

poder pensar como que vidas podem ser impactadas pelo humor e pela alegria, nesses ínfimos momentos de abstração, em que o peso dos problemas são vencidos pelo sonho, pela magia de um boneco que se sabe manipulado mas, como que, por encanto, adquire forma e vida próprias. É o fenômeno da invisibilidade presente. Como se uma chave fosse desligada e apenas a forma animada ganhasse vida. “E isso acontece, em qualquer lugar. Em nossas viagens internacionais percebemos que a receptividade de um bom espetáculo, normalmente, alcançará o seu objetivo: entrar nas memórias afetivas de seu público”, emociona-se o criador da Voar.



A Trupe da Cia Voar brilhando no México



Marco Augusto na Biblioteca Nacional do Chile



# Seis

## Os projetos

**A** Companhia Voar, além de pesquisar a linguagem do Teatro de Bonecos e montar espetáculos, realiza vários projetos sócio-culturais, eventos e festivais locais em sua cidade de origem, o Gama (DF), assim como na região do Entorno do Distrito Federal. E como são muito relevantes, vamos conhecê-los:

- FESTIBRA – Festival de teatro para Infância de Brasília (DF) – Agraciado pelo FAC – Fundo de Apoio à Cultura da Secretaria de Cultura do Distrito Federal (DF) – 5 edições (2010 a 2016)

- ESPETACULIM – Pequenos Espetáculos de Grande Qualidade – Brasília (DF) – Agraciado pelo FAC – Fundo de Apoio à Cultura da Secretaria de Cultura do Distrito Federal (DF) – 4 edições (2010 a 2018).

- GAMA FESTINECO – Festival de Teatro de Bonecos do Gama – Brasília (DF) – Agraciado pelo FAC – Fundo de Apoio à Cultura da Secretaria de Cultura do Distrito Federal (DF) – 6 edições (2009 a 2018).

- Projeto VIVEIRO CULTURAL – Cultura e Meio ambiente nas Escolas – Brasília (DF) – Agraciado pelo edital de Responsabilidade Social da CAESB – Companhia de Água, Esgoto e Abastecimento (2009, 2010 e 2013)

- FESTA LATINA DE BONEQUEIROS E BRINCANTES – 4 Edições – Águas Lindas de Goiás (GO)  
– Prêmio Culturas Populares do MINC – Ministério da Cultura ( 2007, 2008, 2009 e 2010)

- Projeto REVITALIZAÇÃO DO PARQUE CINE ITAPUÃ – Gama – Brasília (2010)

- Coordenação do PONTO DE CULTURA AÇÃO CULTURAL DO GAMA durante seus cinco anos de existência, oferecendo oficinas de artes cênicas a 240 crianças no Parque Recreativo Infantil do Setor Leste (Gama-DF) – (2006, 2007, 2008, 2009 e 2010).

- Projeto CAPITAL CULTURAL com a realização de mais de 50 atividades culturais no 8º Fórum Mundial Da Água e 58º Aniversário De Brasília.

Além disso, ainda achou fôlego para para produzir os vídeos Programa “BRASIL ELEITOR” realizado para a TV justiça com estudantes oriundos de oficinas realizadas pela Voar, em 2010 e, o curta metragem “João e o pé de feijão”, em 2018. Agora é hora de viajar pela propostas de alguns desses projetos e, assim, quem sabe, inspirar a quem quer que seja -deste nosso país continental- a poder criar os seus...

# Sete

## Festa Latina de Bonequeiros e Brincantes de Águas Lindas de Goiás

**E**sse foi um dos projetos mais desafiadores que a Voar teve a honra de estar desde a ideia inicial até a quarta e última edição. Águas Lindas de Goiás é um pólo de artistas populares. São pessoas que possuem trabalhos especiais, nas áreas de circo, bonecos, música, artesanato. “Eles produzem beleza e podem ajudar o município no desenvolvimento cultural, ambiental e do turismo, revelando uma vocação local que é latente e os governantes não percebem. Por isso, resolvemos nos tornar parceiros de um evento para lá de especial e que teve sua primeira edição realizada em 2005: a Festa Latina de Bonequeiros, Brincantes e Pensantes”, explica Marco Augusto.

“A festa foi idealizada por três mestres: Laís Aderne, Mestre Zezito e Mestre Ednaldo, pessoas profundamente preocupadas e apaixonadas pela cidade. Eles me chamaram para ajudar na gestão e organização da festa. Mestre Zezito faleceu antes de ver a primeira edição do evento. A saudosa professora Laís Aderne incumbiu-me de ajudar o mestre Ednaldo, os herdeiros do Mestre Zezito a dar continuidade na festa. Em

dezembro de 2010, realizamos a quarta e última edição do evento, para celebrar o verdadeiro natal Brasileiro, com presépios folia de Reis, pastoril e reisado”, recorda o bonequeiro.

“A receptividade era muito boa, ao chegar à festa, pois a população ficava surpresa em ver tanta graça e diversidade cultural. Os mais velhos relembavam as festas e folguedos da terra natal e as crianças se encantavam e descobriam que existia diversão de qualidade além da televisão”, revela o artista.

“Águas Lindas é guardiã da água que serve o DF, é caminho para os principais pontos turísticos do estado de Goiás e possui uma grande quantidade de jovens que são ávidos por melhorar a qualidade de vida de suas famílias e podem aprender muito com os mestres da cultura popular. Acho que o estado poderia desenvolver um programa de desenvolvimento cultural, ambiental e turístico para descobrir um novo caminho para um progresso sustentável e possível”, sugere o diretor da Cia Voar.

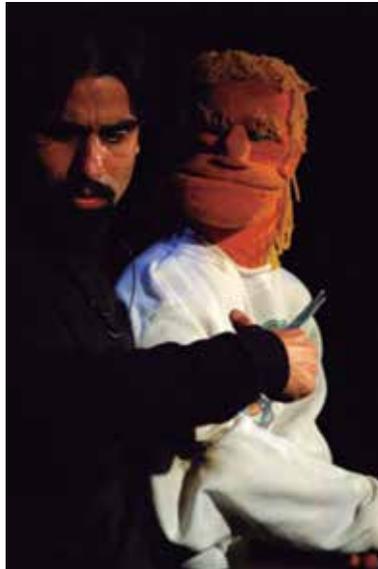
## NO TÚNEL DO TEMPO

Samba, Maracatu, Frevo, Bois-bumbá, Foliões e Cordão de Pássaros. Essas foram apenas algumas das atrações da abertura da Feira dos Brasis, que literalmente parou trânsito e a cidade de Águas Lindas de Goiás (GO), de 7 a 12 de setembro de 2005. Os moradores da cidade, situada no Entorno do Distrito Federal e também os demais habitantes da região puderam, durante seis dias, assistir e participar de uma mostra da diversidade cultural brasileira. Imagine em

um único lugar telas de pintura, bordados, trabalhos com madeira, teatro e comidas típicas. Isso foi só um pouco do que pode ser visto e também adquirido em 50 estandes montados na área central do município. O ponto alto da Feira dos Brasis ficou por conta da integração regional da Festa Latina de Bonequeiros, Brincantes e Pensantes.

Apenas em 2005 os proponentes conseguiram agregar a prefeitura e todas as secretarias do município, que se empenharam na realização da Festa, que também recebeu patrocínio do então Ministério da Cultura (MinC).

A Festa contou com a participação de grupos representativos da cultura popular locais, nacionais e internacionais, com trabalhos de qualidade que asseguraram ao evento repercussão no DF e entorno.



El Titiriteiro de Banfield, o argentino Sérgio Mercúrio foi um dos artistas latinos que encantaram os moradores de Águas Lindas de Goiás durante a Festa



# Oito

## GAMA Festineco

**E**m 2009, a Voar idealizou e colocou de pé seu evento mais longo e famoso até aqui, o Gama Festineco.

Muitos ainda não sabiam, à época, que o Gama era (e continua sendo) a cidade do Distrito Federal que possuía o maior número de grupos de teatro de bonecos. Devido a isso, resolveu-se finalmente criar 1º FESTIVAL DE TEATRO DE BONECOS DO GAMA (FESTINECO 2009), que durante 10 dias no mês de seu aniversário (22 a 31 de outubro), recebeu apresentações gratuitas de grupos nacionais e internacionais em lugares diferentes da cidade, como em praças e feiras, mas principalmente em escolas. O Gama ainda carece de um bom teatro.

O Festival oferece diversão e arte para todo tipo de público, independente da idade ou classe social, numa diversidade de sotaques e brincadeiras. A intenção é provocar um verdadeiro arrastão cultural por toda a cidade do Gama e região.

Durante todo o Festival, o público pôde conferir uma exposição temática, com acervos particulares dos grupos participantes, mostrando vários tipos de bonecos, adereços e cenários de uma produção própria do teatro

de bonecos, revelando as diferentes técnicas e criações dos artistas e grupos.

A primeira edição contou com mais de 20 grupos de bonequeiros e brincantes vindos de vários estados do Brasil (Rio de Janeiro, Santa Catarina, São Paulo, entre outros), da própria cidade do Gama e de todo o Distrito Federal, além de grupos do Chile (Liberarte), da Argentina (Sérgio Mercúrio) e da Colômbia .

No dia 22/10, a abertura do evento contou com uma grande celebração em frente ao estádio Bezerrão, onde os bonecos gigantes, em cortejo, convidaram a população para a festa.



Outra grande atração foi o chileno Sérgio Liberona

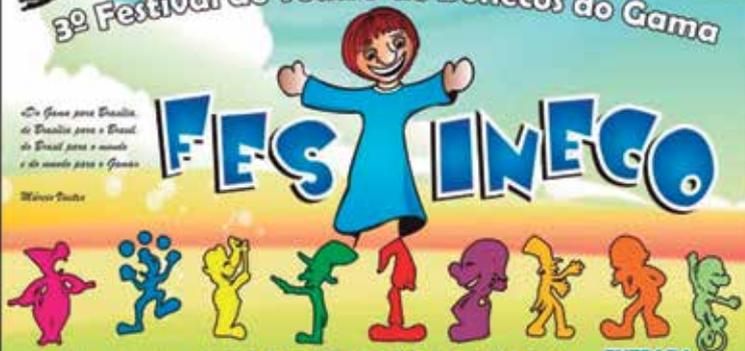
Na edição 2016 o festival superou a expectativa de público, mais de nove mil pessoas assistiram as 21 apresentações realizadas gratuitamente para a população.

VOAR TEATRO DE BONECOS

39º Festival de Teatro de Bonecos do Gama

*Do Gama para Brasília  
de Brasília para o Brasil  
do Brasil para o mundo  
e do mundo para o Gama*

Marcelo Duarte



# FESTINECO



[www.festineco.com.br](http://www.festineco.com.br)

**De 18 a 27 de Maio - 2012**

**ENTRADA FRANCA**



**P  
R  
O  
G  
R  
A  
M  
A  
Ç  
Ã  
O**

<b>18</b>	9h. Setor Central. Dia Nacional de Combate ao abuso e a exploração sexual contra crianças e adolescentes, Cortejo de abertura, grupo Brincantes do Gama.
<b>19</b>	16h. Parque do Setor Leste, Circo Boneco e Riso GO peça: Hoje tem espetáculo... Livre.
<b>20</b>	21h. Teatro do SESC, Julieta e os Metabonecos RS peça Maria Famar. Para maiores de 14 anos.
<b>21</b>	20h. Teatro do SESC, Sérgio Mercurio Argentina peça: En Camiño. Para maiores de 14 anos.
<b>22</b>	COSE Setor Oeste 10h. Pilombetagem DF peça: Benedito e o Boi. 16h. Mamulengo Alegria peça: O casamento de Chiquinha muito prazer. Livre. 10h abertura da exposição de bonecos no SESC.
<b>23</b>	10h. Centro de Línguas, Trapusteros Espanha Teatro peça: Los Cuentos de Duro. Livre 16h. Espaço Bagaçem, Grupo Pirilampo DF peça: Mariôta, a Sabida. Livre 16h. Rodoviária, Aldeia teatro de bonecos MG peça: Máquina de Histórias. Livre
<b>24</b>	Escola Classe 28 10h. Mamulengo Sem Fronteiras DF peça: Exemplos de Bastião. 16h. Cia Teatral Expressão de Arena GO peça: Zazinho e o Baú Mágico. Livre.
<b>25</b>	Centro de Ensino Especial 10h. Teatro do Maleiro GO peça: O boneco de cor. 16h. Centro de Ensino Especial, Cia Taiter DF peça: Pedro e o Lobo. Livre. 20h. Espaço Lábios da Lua, Titeres Cachiporra Uruguai peça: Sopa Para maiores de 10 anos.
<b>26</b>	10h. Teatro do SESC, Cia Voar teatro de bonecos DF peça: O Menino Maluquinho. Livre. 16h. Teatro do SESC, Cia La Chirimoya Brasil/ Argentina peça: A Lenda do Jaraguá. Livre.
<b>27</b>	17h. Teatro do SESC, Makimaki USA/Perú peça: Hilos. Para maiores de 10 anos.
<b>27</b>	17h. Teatro do SESC, Cia Jorge Crespo de Teatro de Bonecos RJ peça: Tem gente dom que acredita, tem gente que não acredita. livre.



# Nove

## *Espetaculim*

“ Em 2010, a companhia idealizou um Festival com objetivos muito específicos: Divulgar e compartilhar o trabalho e estágios de evolução, pesquisa e técnica de artistas e grupos que atuam em pequenos espetáculos; unificar as especialidades das artes e em único festival; democratizar o acesso às artes no DF; garantir espetáculos de bom nível e inteiramente gratuitos; integrar escola-comunidade-de-grupos teatrais; intercambiar experiências teatrais distintas num mesmo projeto; apresentar diferentes técnicas, linguagens e concepções artes cênicas; incentivar e reciclar os artistas atuantes e incentivar os iniciantes e, ainda, Divulgar e compartilhar o trabalho e estágios de evolução, pesquisa e, ainda garantir trabalho direto para 56 artistas e 20 técnicos. Assim, surgiu o Espetaculim”, diz o criador da Cia Voar.

Segundo ele, o FESTIVAL ESPETACULIM valoriza as especialidades dentro do vasto campo das artes, o palhaço, o mímico, o bonequeiro, o mágico, o malabarista, o músico e outros profissionais que desenvolvem pequenos espetáculos de técnica apurada e grande qualidade, cada um com sua característica e tradição.

“A proposta é reunir a diversidade em um só festival com trabalhos que percorrem variadas técnicas, formando uma multiplicidade de linguagens que resultam em espetáculos de alta qualidade dirigidos aos públicos adultos e infantis. Todas as apresentações foram realizadas ao ar livre em dois palcos, com entrada franca possibilitando cultura, lazer e diversão ao seguimento da sociedade caracterizado pela baixa renda e pelo pequeno acesso a atividade lúdico-culturais”, defendeu Marco Augusto.

O Espetaculim foi lançado no gramado da Esplanada dos Ministérios, por ser local de grande visibilidade e de fácil acesso para a comunidade. Durante um final de semana e durante outros dias percorreu cinco das principais cidades do DF. Foram 30 apresentações para um público estimado em 10 mil pessoas.



# Dez

## Festibra

O Festibra foi implantado no Distrito Federal em 2010 e desde então faz um trabalho que vai do social ao cultural passando pela educação. A qualidade dos trabalhos é garantida por uma curadoria que seleciona os espetáculos adequando conteúdo e faixa-etária (infanto-juvenil). O Distrito Federal, rico em diversidade cultural, é berço de muitos grupos de teatro infantil. Com o Festival, esses artistas têm a oportunidade de mostrar seus trabalhos e fazer intercâmbio com grupos da cidade e com os que vêm de outros estados, trocando experiências e amadurecendo as produções.

Os dez dias de festival com entrada franca oportunizam às crianças de comunidades carentes momentos de contato com a arte.

“A programação sempre prioriza a diversidade de linguagens praticadas no teatro local com palhaços, bonecos e atores que presenteam as famílias do Distrito Federal com espetáculos de qualidade e conteúdo cultural. Iniciamos o Festibra nas comemorações dos 50 anos de Brasília, em 2010, e provocamos debates saudáveis entre os praticantes do teatro infanto-juvenil em Brasília, a fim de enriquecer seus trabalhos e trocar

experiências. Como um importante ponto de partida para o fazer teatral, a dramaturgia teve lugar de destaque nas atividades formativas do festival, com espaço para leituras dramáticas de textos de autores locais que escrevem para crianças. Essas leituras foi realizadas por atores e estudantes de artes cênicas”, revelou Marco Augusto.

A edição mais recente, o 5º FESTIBRA, recebeu a Insensata Cia de Teatro e a Cia Carroça de Mamulengos, ambas de Minas Gerais; a Cia Truks, de São Paulo; a CórTEX Arte, do Paraná; a Caravana Tapioca, de Pernambuco; e o Grupo de Teatro De Pernas Pro Ar, que veio do Rio Grande do Sul; os outros 11 grupos do DF.



**2º FESTIBRA**  
Festival de Teatro Para Infância de Brasília  
2011

De 02 à 11  
dezembro

confira a programação no site:  
[www.festibra.com.br](http://www.festibra.com.br)

Entrada Franca

Apoiado por:

COM TERCIO DE BENSER  
GDF  
FAC  
SESI  
BESC



# Onze

## *Viveiro Cultural*

O Viveiro Cultural é um projeto abrangente que tem a arte como o veículo motivador e propagador da educação ambiental, promovendo organização e cooperação, palavras que são a tônica das atividades propostas, em prol do bom andamento e da busca da excelência técnica e artística. Ele foi desenvolvido por meio de técnicas participativas, entendendo a participação como um processo ativo onde a comunidade local foi o sujeito principal de todas as ações.

E foi assim que o projeto contou com oficinas de teatro, circo, jardim. Em 2013, na edição mais recente do projeto, a quarta, o Viveiro entrou na vida de alguns alunos de escolas públicas do Recanto das Emas para formar cidadãos com consciência ambiental e artística, levando atividades sócio-educativas para complementar a formação educacional dos alunos de escolas públicas.

O Centro de Ensino Fundamental 801 (CEF 801), por exemplo, criou, por meio do projeto, uma estufa cuidada pelas crianças e que, à época, contava com 800 mudas de árvores nativas do cerrado, e 400 plantas ornamentais (para o jardim literário). O professor de Matemática e Coordenador da Escola, Daniel Mendes,

disse naquele tempo que enxergava o projeto como uma boa parceria. “Como estamos numa comunidade carente, o projeto agrega e complementa o nosso trabalho. No momento em que as crianças poderiam estar na rua, eles estão desenvolvendo atividades que agregam valor à vida deles. E acaba onde a escola e a família não chegam”, afirma.

A quarta edição do projeto foi desenvolvida por meio de técnicas participativas, entendendo a participação como um processo ativo onde a comunidade local é o sujeito principal de todas as ações.

A exemplo das três primeiras edições, o viveiro cultural durante o ano de 2013 formou uma rede de amigos da cultura, defensores do meio ambiente e cidadãos conscientes de seu potencial como agentes da transformação social. Todos os estudantes que participaram das oficinas tiveram a oportunidade de ver e fazer arte, entrar em contato com diferentes linguagens, descobrir que podem andar de perna de pau, cultivar a beleza, contar histórias e interpretar diferentes papéis no teatro.



Alunos atentos às apresentações do projeto



Aluna em ação no Viveiro Cultural



# Doze

## Capital Cultural

**P**ublicado no dia 25 de outubro de 2018, o edital de Chamamento Público nº 19, promovido pela Secretaria de Cultura do Governo do Distrito Federal, selecionou uma organização da sociedade civil (OSC) à realização da programação artística-cultural, integrada ao calendário cultural que promoveu o aniversário de Brasília daquele ano e o 8º Fórum Mundial da Água.

O projeto Capital Cultural foi uma iniciativa que ofereceu à população do DF diversas atividades artístico-culturais gratuitas, relacionadas às datas comemorativas e eventos de alcance nacional e internacional. A Organização da Sociedade Civil – OSC selecionada por meio do edital, a Cia Voar Teatro de Bonecos, realizou a curadoria, organização e gerenciamento das programações artístico-culturais, entre março e abril de 2018, em 10 Regiões Administrativas, relacionadas às festividades do Aniversário de Brasília e ao 8º Fórum Mundial das Águas.

A iniciativa deu sequência a uma série de ações implementadas pela Secretaria de Cultura para a democratização do acesso à cultura, à

formação de novos públicos e busca ainda, promover a conscientização coletiva sobre as questões ambientais pertinentes ao Fórum Mundial da Água por meio de atividades culturais.

“Nesse sentido, dentre as várias atividades executadas pelo projeto Capital Cultural, uma das que me lembro com grande carinho, por simbolizar o aspecto sustentável da economia da cultura, foi a oficina que ministrei de reciclagem artesanal em papel polpa moldada. Ela mobilizou artesãos, catadores de materiais recicláveis e a comunidade próxima ao Ponto de Cultura Menino de Ceilândia. Ela deu o pontapé inicial nas atividades que foram realizadas no Ponto de Cultura Invenção Brasileira (Taguatinga) e no Ponto de Cultura Espaço Viveiro Cultural (Gama)”, recorda-se Marco Augusto.



Marco Augusto conduzindo oficina de confecção de papel artesanal

# Treze

## Brincantes do Gama

O grupo surgiu no Carnaval em 2008 com a união e colaboração de importantes grupos culturais da cidade do Gama como: Bagagem, Voar, Titeritar, Cidade dos Bonecos e Pilombetagem. Desde o seu surgimento, o grupo Brincantes do Gama sempre foi selecionado diversas vezes para os grandes eventos carnavalescos para crianças como, Baratinha e Parque da Alegria, além dos convites para os blocos Menino da Ceilândia e Carnarbagagem.

Afim de perpetuar o trabalho, o Brincantes do Gama conseguiu patrocínio por meio de edital do do Fundo de Apoio à Cultura do DF (FAC/DF), e lançou o primeiro trabalho audiovisual, o DVD “Supimpa Trupe”, no dia 05 de março de 2019, no Carnaval do Gamadinho. Na ocasião, foi realizado um concurso de fantasias infantis e todas as crianças inscritas que desfilaram receberam um exemplar do DVD como prêmio de participação na folia das crianças do Gama.

“Supimpa Trupe” conta com tiragem de duas mil cópias e traz, na íntegra, o show do grupo gravado, em julho de 2017, no teatro SESC Paulo Gracindo,

do Gama. O trabalho mostra músicas de palhaços, bonecos gigantes, cantigas de roda; ciranda, danças e brincadeiras do reisado, cacuriá, folia de reis, maracatu, coco, samba de roda e marchinhas carnavalescas. É um espetáculo livre para todas as idades.

A apresentação no carnaval do Gamadinho foi uma bela homenagem ao artista Ravel Mesquita que interpretava o palhaço Ravioli e tocava triângulo no grupo. Ravel faleceu no dia 15 de fevereiro, mesma data em que os DVDs chegaram da fábrica e não pôde ver a obra pronta...

### **FICHA TÉCNICA DVD SUPIMPA TRUPE**

Músico Intérprete ..... Robson Siqueira da Silva;  
Palhaço Canarinho

Músicos de Base ..... Ravel Mesquita;

Palhaço Ravioli Henrique de Siqueira e Silva;

Palhaço Rabisco Daiane Kelly Siqueira Santana;

Palhaça Belisca Onildo da Silva Júnior;

Palhaço Gondinho Jarlene Maria Nunes de Oliveira;

Palhaça Alegria Luiz Gabriel Siqueira de Santana;

Palhaço Gabiru Leonardo Siqueira Santana;

Palhaço Peteleco

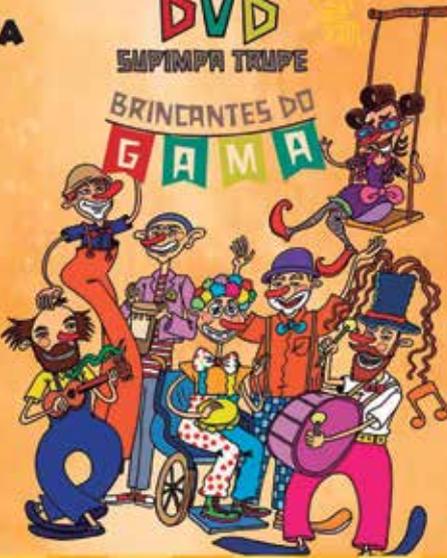
Produção executiva .... Andrea Mara Santos Gonçalves

Direção artística ..... Marco Augusto de Rezende

**SHOW DE LANÇAMENTO**

**TERÇA-FEIRA  
05/03  
17H**

**DVD  
SIMPIMPA TRUPE  
BRINCANTES DO  
GAMA**



**HOMENAGEM AO  
ARTISTA  
RAVEL MESQUITA**



**NO CARNAVAL DO GAMADINHO PRAÇA DO CINÉ ITAPOÃ**



Os Brincantes do Gama espalhando alegria



# Quatorze

## O DF, o Gama e os bonecos

O Gama tem se afirmado como um importante polo produtivo do teatro de bonecos em suas mais variadas formas. A cidade conta com o expressivo número de sete ótimos grupos de formas animadas. E isso tem despertado a atenção e o interesse de grupos artísticos de outros estados brasileiros e também de outros países.

“Isso se deve, e muito, à interferência e trabalho do grupo Bagagem. Vários participaram, assim como eu, do que eles tão belamente têm produzido com pioneirismo há tantos anos. Eles têm uma história muito sólida e tem muita gente que continua se inspirando nesse belo exemplo para nós todos”, afirma Marco Augusto.

Sugeri em 2015, esse tema – da diversidade de grupos de teatro de bonecos do Gama – como pauta ao portal Metrôpoles, que escalou a repórter Maira de Deus Brito para escrever a matéria. Compartilho o ótimo e elucidativo resultado, para que se possa saber mais dos outros seis grupos que convivem harmonicamente com a Voar Teatro Bonecos, além de participarem juntos de diversos projetos:

**“Bagagem Cia. de Bonecos** – Criada em 1983, é uma das companhias de teatro de bonecos mais antigas do DF. Em 2004, conseguiu a sede própria, o Espaço Cultural Bagagem, no Gama. Este ano, o local está fechado por falta de verba — que vem, normalmente, do Fundo de Apoio à Cultura (FAC) e de editais do Ministério da Cultura. Para o próximo ano, o grupo pretende reabrir o espaço, com capacidade para 60 espectadores. “Além disso, vamos dar continuidade ao projeto Teatro Móvel”, avisa Leda Carneio, integrante da companhia. “Adaptamos um caminhão com carroceria para receber nossos espetáculos encenados a céu aberto”. Durante o mês de dezembro, a trupe apresenta o tradicional “Auto de Natal” na Estrutural, no Varjão, na Vila Telebrasilândia, em Samambaia e em Ceilândia”.

**Cia. Titeritar** – Foi fundada pelos atores Luiz Cláudio e Onildo Junior em 1997. Com a saída do bonequeiro Luiz Cláudio, Onildo convidou os filhos Lucas e Rafael Rezende para fazer parte da companhia. Além de oficinas e teatro de bonecos, eles fazem contação de histórias e palhaçadas. Atualmente, o trio se dedica à arte das marionetes. “Pedro e o Lobo”, “O Dragão Verde” e “O Misterioso Furto da Tropa de Roupa Suja” estão as principais montagens da companhia.

**Cidade dos Bonecos** – Formado por sete artistas, o grupo desenvolve espetáculos de teatro de bonecos desde 2001. “Nesta linguagem, a companhia tem três espetáculos: ‘Contos, Histórias e Canções’, que mistura bonecos, contações de histórias e música ao vivo; ‘A

Flor do Sertão', baseado no mito grego de Perséfone; e 'A História de Mané Bocó', inspirado nos contos de Câmara Cascudo", conta Rodrigo Valença, um dos integrantes. A trupe também faz um trabalho com teatro de sombras, a montagem "Sombras do Destino". (..) No enredo, um casal apaixonado se separa por causa de uma guerra que chega ao vilarejo onde eles vivem. A trilha sonora é toda dos Beatles", destaca.

**Grupo Avulso de Teatro Popula** – Foi criada em 2008, após uma oficina de técnicas circenses com o Grupo Mistura Íntima Dell' Arte. Na ocasião, os atores tiveram a chance de aprender as linguagens da palhaçaria, da percussão e do teatro de bonecos. O resultado dessas experiências pode ser visto nos espetáculos da companhia, a exemplo de "Romance da Menina Feia", "Recontando Chapeuzinho Vermelho" e "O Macaco e a Velha". O Grupo Avulso de Teatro Popular também investe em esquetes de palhaçaria — é o caso do espetáculo "Buia" — e na dramaturgia — já encenou a peça "O Caos".

**Grupo Pilombetagem** – Há mais de 10 anos na estrada, a companhia já apresentou seus espetáculos em várias cidades do Distrito Federal. Uma das montagens mais conhecidas é "Benedito e o Boi Pintadinho". A brincadeira de mamulengo é inspirada num conto do jornalista e historiador Luís da Câmara Cascudo (1898-1986). A história narra a vida do vaqueiro Benedito, famoso por não mentir. "O Conto do Catador" e "Teobaldo" são outros trabalhos do grupo, que também atua na palhaçaria e na animação de eventos.

**Mendigos de Gravata** – Depois de uma oficina teatral, Ricardo Pindura e mais sete amigos criaram a companhia. A estreia foi a peça “Adão e Eva”. Outras montagens vieram e, em 1998, o grupo se desfez. Quatro anos depois, Ricardo decidiu retomar as atividades, desta vez, com novos integrantes. Atualmente, a trupe é um quinteto que também faz parte do grupo Multicultural, cuja proposta é divulgar as artes — do Gama, principalmente — por meio de atividades como divulgação e auxílio na formulação de editais. Alguns projetos merecem destaque. Entre eles, “Zequinha e Sua Turma”, montagem que aproxima as crianças da arte do teatro de bonecos e do circo; “Teatro Reciclável”, que alerta sobre a importância dos cuidados com o meio ambiente; e “Droga Fora de Cena”, criado para combater o uso de drogas entre crianças e adolescentes.

# Epilógo

**C**hegou ao fim essa jornada. Se você, por acaso, depois de todas essas informações, desejar participar de algum projeto ou receber alguma informação para poder começar seu grupo ou mesmo conhecer mais a respeito desse maravilhoso universo do fazer artístico do teatro de animação, seguem abaixo os contatos da Companhia Voar Teatro de Bonecos. Que ele possam ter ainda mais aliados, em nome da arte, a partir desta publicação:

**VOAR ARTE PARA INFÂNCIA E JUVENTUDE**, ou  
simplesmente, **VOAR TEATRO DE BONECOS**

Telefones: (61) 3385 5648 – 99901 3822

Site: [www.voarteatrodebonecos.com.br](http://www.voarteatrodebonecos.com.br)

E-mail: [voarteatrodebonecos@gmail.com](mailto:voarteatrodebonecos@gmail.com)

